

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

ROSSANA SAUTE KOLODNY

**MARCAÇÃO DE GÊNERO E CLASSE TEMÁTICA EM PORTUGUÊS E
EM FRANCÊS**

PORTO ALEGRE

2016

ROSSANA SAUTE KOLODNY

Marcação de gênero e classe temática em português e em francês

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau como licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt

Porto Alegre

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela minha formação.

Ao meu orientador, professor Luiz Carlos Schwindt, pela orientação, pelos ensinamentos e pelo incentivo ao estudo de Linguística.

Às professoras que compuseram a minha banca, Sandra Loguercio e Camila Ulrich, por terem lido tão atenciosamente este trabalho e por suas importantes contribuições.

Aos meus pais, por terem me criado e me amado incondicionalmente.

À minha irmã Tatiana Saute, por me incentivar e por me amar, e à minha irmã Ana Saute, por ser minha companheira desde sempre.

Ao meu namorado, Jefferson Alves, por ter me dado dicas, por ter me ajudado em questões práticas e por ter sido paciente comigo.

À minha cunhada Ramini, por ter me ajudado com a revisão.

Aos meus amigos amados Willian Tanaka e Patricia Giacomini, por terem me apoiado e aceitado minha ausência durante a escrita deste trabalho.

Aos meus amigos da Letras, Ellen Nagasawa e Giovane Fernandes, pelo companheirismo e pelas lições que aprendemos juntos durante o curso.

Às demais pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso visa a investigar (i) a natureza da marcação de gênero em português e em francês; (ii) a natureza da classe temática em português e em francês; (iii) as semelhanças e diferenças existentes na marcação de gênero e no comportamento das classes temáticas em ambas as línguas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica envolvendo o tema do gênero gramatical em ambas as línguas e da classe temática, esta com atenção especial para o português. O gênero gramatical configura-se como uma classe que categoriza os substantivos de acordo com traços semânticos, mas também conforme aspectos morfológicos e fonológicos. Estes dois últimos abarcam a descrição acerca dos sistemas linguísticos possuidores de gênero gramatical. Línguas como o português e o francês são, nesse aspecto, classificadas como sistemas formais, em que os traços semânticos dos nomes determinam a minoria das atribuições de gênero, uma vez que, em primeiro plano de análise, essas línguas possuem apenas dois gêneros – masculino (não marcado) e feminino (marcado), e que, em segundo plano, a minoria dos substantivos nessas línguas é sexuada, acarretando uma grande quantidade de “resíduo”, isto é, de substantivos distribuídos em duas categorias sem que haja correspondência semântica nessa distribuição. Os dados mostrados pela bibliografia encontrada apontam para um equilíbrio na atribuição de gênero nas línguas estudadas. Além disso, verificou-se que a interação paradigmática entre as marcas morfológicas de gênero e as classes temáticas, em português, levam ao caminho para a compreensão da atribuição de gênero na língua enquanto, no francês, essa atribuição mostrou-se mais complicada, dependendo muito mais de conhecimentos dos falantes a respeito de nuances semânticas quando existe oposição de gênero. No entanto, enquanto sistema formal, em francês também é possível depreender o gênero dos nomes através da esquematização de seus segmentos terminais.

Palavras-chave : gênero gramatical, classe temática, português, francês.

RÉSUMÉ

Ce travail envisage à explorer (i) la nature de l'assignation de genre grammatical en portugais et en français ; (ii) la nature de la catégorie thématique en portugais et en français ; (iii) les ressemblances et les différences qui existent entre l'assignation de genre et le comportement des catégories thématiques dans les deux langues. Pour que cela soit possible, une recherche bibliographique qui enroule le thème du genre grammatical dans les deux langues et de la catégorie thématique, celle-ci avec de l'attention plus forte au portugais, a été réalisée. Le genre grammatical est une catégorie qui divise les noms selon ses traits sémantiques, mais aussi selon les aspects morphologiques et phonologiques. Ces deux catégories d'analyse incluent la description sur les systèmes linguistiques qui possèdent le genre grammatical. Des langues comme le portugais et le français sont, dans cet aspect-là, catégorisées comme des systèmes formels, dont les traits sémantiques de ses noms déterminent la minorité des assignations de genre, une fois que, dans un premier étage d'analyse, ces langues-là possèdent seulement deux genres – le masculin (« non-marqué ») et le féminin (« marqué ») et que, dans un deuxième étage d'analyse, la minorité des noms dans ces langues a la correspondance avec le trait de sexe, aboutissant à une grande quantité de « résidu », i.e., de noms distribués dans deux catégories sans qu'il y ait de la correspondance sémantique. Les données montrées par les références bibliographiques trouvées mènent à l'équilibre dans l'assignation de genre dans les langues étudiées. D'ailleurs, nous vérifions que l'interaction paradigmatique entre les marques morphologiques de genre et les catégories thématiques, en portugais, conduit au chemin pour la compréhension sur l'assignation de genre dans cette langue, tandis qu'en français cette assignation s'est montrée plutôt difficile, en dépendant beaucoup plus des connaissances des personnes qui le parlent concernant les nuances quand il y a l'opposition de genre. Cependant, tandis que le français est aussi un système formel d'assignation de genre, il est possible aussi de déduire le genre des noms à travers la reconnaissance des segments phonologiques qui ferment les mots.

Mots-clé : genre grammatical, catégorie thématique, portugais, français.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OS CONCEITOS DE MARCAÇÃO DE GÊNERO E DE CLASSE TEMÁTICA	12
2.1 GÊNERO	12
2.2 CLASSE TEMÁTICA	16
3 GÊNERO E CLASSE TEMÁTICA EM PORTUGUÊS	18
3.1 MARCAÇÃO DE GÊNERO EM PORTUGUÊS	18
3.2 CLASSE TEMÁTICA EM PORTUGUÊS	34
3.3 A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E CLASSE TEMÁTICA EM PORTUGUÊS NO RECONHECIMENTO DO GÊNERO DOS SUBSTANTIVOS	36
4 GÊNERO E CLASSE TEMÁTICA EM FRANCÊS	40
4.1 MARCAÇÃO DE GÊNERO EM FRANCÊS	42
4.1.1 CONTEXTOS DE GÊNERO MARCADO E NÃO MARCADO EM FRANCÊS ...	42
4.1.2 CLASSE TEMÁTICA EM FRANCÊS	47
4.2 GÊNERO EM FRANCÊS COMO CATEGORIA FLEXIONAL E/OU DERIVACIONAL	48
5 COMPARAÇÃO ENTRE O SISTEMA DO PORTUGUÊS E DO FRANCÊS	53
5.1 QUANTO ÀS REGRAS DE ATRIBUIÇÃO DE GÊNERO	53
5.2 QUANTO À MARCAÇÃO DE GÊNERO	53
5.3 QUANTO À TIPOLOGIA DE GÊNERO	56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Diferença entre Análise por Ocorrências e por Tipos	22
Figura 2– Estratificação das Entrevistas do Projeto VARSUL	25
Figura 3– Gráfico de Aplicação Geral de Ocorrências.....	26
Figura 4 – Gráfico de Aplicação Geral de Tipos.....	26
Figura 5 – Distribuição de Gênero em Substantivos Biformes	30
Figura 6– Distribuição de Gênero em Substantivos Comuns-de-Dois	30
Figura 7 – Classes Formais do Português.....	35
Figura 8 – Ranking de classe e gênero em português.....	38
Figura 9 – Contextos fonológicos de final de palavra	44
Figura 10 – Substantivos de Dois Gêneros.....	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Aplicação Geral de Segmento Terminal (Análise de Tipos)	27
Tabela 2 – Cruzamento entre segmento terminal e tipologia de gênero (Análise de Tipos).....	28
Tabela 3 – Aplicação de Tipologia de Gênero (Análise de Tipos).....	29
Tabela 4 – Correspondência com Sexo (Análise de Tipos).....	31
Tabela 5 – Animacidade (Análise de Tipos)	31
Tabela 6 – Cruzamento entre correspondência com sexo e segmento terminal (Análise de Tipos).....	32
Tabela 7 – Estrutura Morfológica Precedente e Segmento Terminal (Análise de Ocorrências, baseada em 4800 dados).....	33
Tabela 8 – Aplicação Geral de Concretude (Análise de Tipos)	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Formação de substantivos biformes em Francês	52
Quadro 2 – Tipologia de gênero em português e em francês	57

1 INTRODUÇÃO

Como categoria gramatical que instiga seu estudo mais aprofundado, o gênero configura-se como uma classe que não prescinde da noção de associação, isto é, da observação de seu comportamento no sintagma nominal, indicando a possível nuclearidade do substantivo no processo de afixação de gênero, bem como a flexão de seus adjuntos. Não obstante, há controvérsias quanto ao caráter flexional e/ou derivacional do gênero, sendo mais amplamente aceita a hipótese de que seja uma categoria híbrida: flexional em artigos e adjetivos, mas derivacional em substantivos.

Além disso, o gênero é uma categoria diretamente relacionada a uma segunda, principalmente em línguas como o português e o francês: a classe temática, já que podem instanciar-se por segmentos foneticamente idênticos e em mesma posição (final de palavra). Essa discussão teórica faz-se pertinente por diversas razões, entre elas a social, que elucida a discussão recente sobre marcação de gênero em línguas de origem latina: originada de uma discussão de caráter ideológico, a marcação de gênero está sendo amplamente discutida, sendo problematizada a questão sobre o caráter machista ou não da língua. Nesse contexto, línguas como as que serão abordadas nesse trabalho envolvem a seguinte questão que será discutida, ainda que secundariamente: “o tratamento feminino ou masculino das palavras indica algum tipo de segregação social ou preconceito de gênero?” Nisto, as terminações das palavras, sobretudo dos substantivos, é questionada e, em muitos grupos de pessoas, as terminações estão sendo substituídas por *-x* (ex. *meninx* em vez de *menina* ou *menino*). Há também a razão educacional pela qual o presente estudo faz-se pertinente, visto que é observada relativa dificuldade entre aprendizes de português e de francês como línguas adicionais quanto à atribuição de gênero aos substantivos, sendo essa associação (palavra e seu respectivo gênero) facilitada quando se trata de concordância nominal.

Ao se falar em gênero na língua portuguesa e na língua francesa, muitas pessoas podem associá-lo a uma noção que remete ao sexo das palavras em geral, sejam elas nomes, determinantes ou adjetivos. No entanto, ao investigar a questão do gênero gramatical nas línguas, percebemos que a intuição dos falantes de que o gênero é intrinsecamente

relacionado ao traço semântico de sexo, embora correta sob uma perspectiva – a dos nomes animados –, também pode ser discutida: conforme Corbett (1991), o gênero gramatical pode indicar muitos outros traços semânticos de um nome, podendo representar divisões semânticas essenciais em algumas línguas como, por exemplo, conforme a autora, na língua Tamil, cujos três gêneros – masculino, feminino e neutro –, respectivamente, substanciam seres humanos masculinos e deuses, seres humanos femininos e deusas, e outros (não humanos e não deuses, isto é, seres inanimados).

A questão sobre a marcação de gênero e classe em português e em francês, partindo da ideia de que a função primária do gênero seja marcar a oposição de sexo entre os nomes, vem adquirindo notoriedade e controvérsias. Enquanto a faceta social da questão manifesta-se a favor de uma mudança (morfo)fonológica dos substantivos, principalmente os bifomes (aqueles que possuem mesma base e diferente segmento terminal, opondo-se conforme o gênero – masculino ou feminino, como, por exemplo, *menino* e *menina*) e comuns-de-dois gêneros (nomes cuja forma é a mesma para nomes masculinos e femininos), o estudo mais acurado do fenômeno pelo viés linguístico contribui para o esclarecimento do que é sistemático e que, portanto, contribui ao equilíbrio entre os signos do sistema, e o que é fruto de preconceito. Para uma melhor ilustração desse assunto, tomemos como exemplo a palavra comum-de-dois gêneros *presidente*. Nos últimos anos, vem crescendo o uso de uma forma marcada do substantivo em questão – *presidenta* –, o que certamente abriu precedente para que os falantes buscassem alternativas de marcação de gênero em palavras dotadas apenas de vogal temática *-e*, tendo seu gênero, anteriormente, determinado apenas pelo determinante do sintagma.

Sabemos que tanto a língua portuguesa quanto a língua francesa possuem gênero gramatical, o que lhes acarreta a posse de um sistema de concordância de adjetivos e determinantes do sintagma nominal com o nome. Além disso, há um consenso entre os falantes de que os segmentos terminais que indicam oposição entre masculino e feminino, em português, são as vogais *-o* e *-a*, respectivamente. Conforme Couture (2012), referindo-se ao francês, há também certa regularidade entre a forma da terminação da palavra (segmento terminal) e o seu gênero.

Tendo por objetivo geral o estudo de gênero gramatical pelo viés linguístico, e tendo como objeto de investigação a marcação de gênero e classe em português e francês, neste trabalho, refletiremos sobre as seguintes questões, mediante revisão bibliográfica sobre o tema: (i) como se exponenciam gênero e classe temática em ambas as línguas; (ii) quais são

os contextos (segmentos terminais) que servem de indício ao falante sobre a marcação de gênero; (iii) como a marcação de gênero e as classes temáticas (nominais), bem como a tentativa de remodelá-las, interferem no sistema da língua.

2 OS CONCEITOS DE MARCAÇÃO DE GÊNERO E DE CLASSE TEMÁTICA

Para o reconhecimento do gênero inerente de certos substantivos ser realizado, bem como para o gênero ser atribuído a certos substantivos que possuem um par masculino-feminino, é necessário que haja, em algumas línguas, tanto os morfemas de gênero quanto as vogais que dividem os substantivos em classes temáticas. As próximas seções tratam, em um primeiro momento, dos conceitos de gênero e de classe temática em separado e, em um segundo momento, em relação ao português, tratamos dessas duas categorias combinadas no reconhecimento do gênero dos substantivos, o que não ocorre tão claramente na língua francesa.

2.1 GÊNERO

Distinguindo-se da noção veiculada pelo senso-comum de que *gênero gramatical* refere-se em qualquer caso à noção (ou traço semântico) de sexo, estudos apontam para uma complexidade muito maior dessa categoria, havendo sistemas que utilizam o gênero para atribuir características variadas aos nomes além de sexo. O gênero, pois, adquire a função de parear as palavras entre masculino e feminino no sistema, estando a palavra ligada ao sexo ou não. Conforme Corbett (1991), essa correlação generalizada que se faz de gênero gramatical com sexo em parte está correta, mas, com frequência, o gênero gramatical não se relaciona a sexo, sendo a palavra *gênero* “derivada etimologicamente do Latim *genus* (...), e originalmente significava ‘tipo’.” (CORBETT, 1991, p. 1, tradução minha)¹. Portanto, conforme a análise da autora, a atribuição de gênero aos substantivos ocorre de maneira distinta, dependendo do sistema (ou seja, da língua) em questão.

Em razão de o gênero ter uma função, antes de tudo, contrastiva, toda língua dotada desta categoria gramatical possui no mínimo dois gêneros (CORBETT, 1991; ARMELIN,

¹ Trecho original: “(...) ‘gender’ derives etymologically from Latin *genus*, via Old French *gendre*, and originally meant ‘kind’ or ‘sort’.” (CORBETT, 1991, p. 1).

2014), o que reforça a sua função de distinguir algum traço semântico entre as palavras. Em outras palavras, não haveria um motivo para existir apenas um gênero em uma língua. Segundo Corbett (1991), há línguas que se utilizam do gênero como um divisor semântico. Nesse caso, haveria *sistemas estritamente semânticos*, como é o caso das línguas dravídicas (faladas no sudoeste da Índia), em que o gênero separaria seres animados masculinos, seres animados femininos e resto, atribuindo-lhes, respectivamente, o gênero masculino, o feminino e o neutro. Ainda no escopo da teoria sobre o gênero nas línguas que o possuem como divisor semântico, o autor cita os *sistemas predominantemente semânticos*, em que também são consideradas algumas línguas dravídicas. Nesse caso, vislumbramos um sistema de quatro gêneros: *masculino* (indicando humano masculino), *feminino* (indicando humano feminino), *animal* (indicando animais não humanos) e *neutro* (compreendendo todo o resto dos substantivos). Já nesse tipo de sistema são encontradas certas incongruências, tais como o fato de o gênero animal ser usado em pronomes cujo sentido seria o de substituir substantivos de significado relacionado a crianças pequenas. Além disso, também nessa categoria há um *resíduo* semântico, ou seja, grupos de seres e objetos que correspondem a um gênero outro que masculino ou feminino.

Dada a noção de resíduo semântico – os nomes que não correspondem exatamente ao gênero gramatical a que pertencem –, vemos que tal resíduo aparece em maior quantidade e, conseqüentemente, com maior precisão² no que o autor referido chama de *sistemas formais*, aqueles cuja grande quantidade de nomes não evidencia uma atribuição de gênero de acordo com traços semânticos (notadamente o traço de sexo e o de animacidade). Línguas que recaem sobre um sistema formal de atribuição de gênero baseiam-se, portanto, em regras morfológicas e fonológicas, como é o caso de línguas indo-europeias. Nesse tipo de sistema, o *resíduo* é tão generalizado, que os traços semânticos de sexo, animacidade, entre outros, não dão conta de uma regra de atribuição (e de marcação) de gênero. No entanto, em línguas como o português e o francês, consideradas como línguas que requerem sistemas formais de atribuição de gênero, esse *resíduo* é ainda mais generalizado, uma vez que o sistema reduz-se à presença de dois **gêneros formais**: masculino (não marcado) e feminino (marcado).

É nesse viés formal que se insere a visão de Câmara Jr. (1970/2009) acerca da atribuição de gênero gramatical ao substantivo e seus adjuntos, ou seja, à atribuição e concordância de gênero no sintagma nominal, considerando o gênero uma categoria flexional.

² Uma vez que todos os objetos são distribuídos entre masculino, feminino e neutro, eles fogem à regra dos sistemas estritamente semânticos, gerando esse resíduo inexplicável do ponto de vista semântico.

No entanto, conforme o autor, “a flexão de gênero é exposta de uma maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português.” (CÂMARA JR., 1970/2009, p. 88). Com tal afirmação, explica que há a crença errônea de que se deve associar o gênero unicamente ao sexo dos seres, o que configuraria uma má interpretação a respeito da gama variada de atribuições semânticas que o gênero pode conferir às palavras, como anteriormente visto na análise de Corbett (1991). Nesse escopo, para Câmara Jr. (1970/2009), referindo-se mais especificamente ao comportamento da atribuição de gênero em português, e indo ao encontro dessa atribuição formal de gênero,

(...) o gênero é uma distribuição em classes mórnicas, para os nomes, da mesma sorte que o são as conjugações para os verbos. A única diferença é que a oposição masculino-feminino serve frequentemente para em oposição entre si distinguir os seres por certas qualidades semânticas, como para os animais e as pessoas a distinção do sexo, como em *urso/ursa, menino/ menina*. Ora, as conjugações verbais não têm a menor implicação semântica, e nada em sua significação faz de *falar*, um verbo de 1ª conjugação, de *beber*, um verbo de 2ª ou de *partir*, um verbo da 3ª. (CÂMARA JR., 1970/2009, p.88)

Além disso, o linguista atenta para o fato de que, na língua portuguesa, o gênero masculino acaba por designar uma forma geral, não marcada, enquanto a forma marcada é o feminino, que indica algum tipo de especialização, conforme os exemplos de Câmara Jr. (1970/2009): *jarra* seria um tipo especial de jarro, enquanto *barca* configuraria um tipo especializado de barco, assim como a *ursa* é a fêmea do animal (espécie, **genus**, cf. Corbett (1991)) urso, e “*menina* uma mulher em crescimento na idade dos seres humanos denominados como a de “menino” (CÂMARA JR. 1970/2009, p.88).

Embora tenhamos uma definição de gênero por Câmara Jr. (1970/2009) e por Corbett (1991) enquanto categoria que se instancia no próprio substantivo através de uma marca bem delimitada, principalmente quando se trata de um sufixo flexional, certos autores, tais como Hockett (1958) e Anderson (1985b) (apud ROSA, 2011, p. 127), através do estudo da categoria em diversas línguas do mundo, definem o gênero não por uma marcação no núcleo do sintagma, mas pela concordância dos demais elementos da frase, notadamente os adjuntos do núcleo – os determinantes e os adjetivos. Segundo Anderson (1985b),

A categoria de gênero é inerente nos nomes, mas frequentemente não é a base de qualquer processo gramatical aplicado aos nomes: realiza-se abertamente apenas em outras áreas da flexão, através da operação de concordância. (...) Tal reflexo indireto de uma categoria inerente é, contudo, razoavelmente comum para sistemas de classes

nominais, e bastante mais raro em qualquer outra parte da gramática. (apud ROSA, 2011, p. 127)

Conforme Rosa (2011), se assumirmos tal preceito de análise,

em palavras como GATO ou MENINO e GATA ou MENINA, respectivamente, as vogais finais *-o* e *-a*, marcariam fonológica mas indiretamente o Gênero, e, não, diferentes palavras morfossintáticas de um mesmo paradigma. (ROSA, 2011, p. 127)

Em outras palavras, a consideração do gênero nos substantivos como categoria inerente e não flexional leva à suposição de que em pares opostos como *gato/gata*, *menino/menina* não há uma palavra que flexiona em gênero, mas, sim, dois lexemas distintos. Logo, para os autores por ela citados, a flexão de gênero ocorre nos adjuntos, sem um processo gramatical aplicado diretamente aos substantivos; estes, por sua vez, seriam dotados de **gênero inerente**, tal como postulado por Rocha (1998) a respeito da maioria dos substantivos portugueses. Além disso, a autora atenta para a análise de Khedi (1990), que chama a atenção para o fato de que, em português, a vogal terminal *-o* exponencia quase sempre o masculino, enquanto a vogal terminal *-a* exponencia quase sempre o feminino, e a vogal *-e* pode indicar tanto o feminino quanto o masculino, e isto ocorre tanto em palavras sexuadas quanto assexuadas, o que poderia indicar que, ao menos a língua portuguesa não configura um *sistema estritamente semântico* (CORBETT, 1991; ROSA, 2011) no que diz respeito ao gênero gramatical. Também Villalva (2008) afirma que os substantivos têm gênero inerente aos seus radicais, não lhes cabendo um processo flexional, além de não haver, na maioria dos substantivos, quaisquer indícios semânticos a respeito da atribuição de gênero, sendo necessária a sua memorização. Além disso, a autora somente considera como derivacional o processo pelo qual os substantivos derivados de outras classes passam (ex. afixação de *-ção* e *-mento* em verbais). Assim, a autora considera o gênero como uma categoria de atribuição arbitrária no sistema, não podendo ser apreendida por regra.

Vimos, então, que o gênero gramatical pode denotar o sexo do referente, mas não é uma categoria estritamente semântica em línguas indo-europeias, tais como o português e o francês, o que desconstrói uma crença comum de que o gênero gramatical está sempre relacionado ao traço de sexo. Em português acontece o oposto do que se crê, como será visto em seção posterior: a maioria dos substantivos da língua portuguesa são sexuados. Além disso, há línguas em que o masculino e o feminino denotam apenas seres sexuados, mas essas são línguas que possuem mais de dois gêneros, podendo designar aos objetos inanimados outros gêneros que não o masculino e o feminino, o que não poderia acontecer em português.

2.2 CLASSE TEMÁTICA

Classe temática é o nome que se atribui a uma tipologia nominal que envolve palavras que são fechadas por vogais temáticas. A vogal temática é “um formativo que expande a raiz para a constituição do tema, a base para as marcas flexionais.” (ROSA, 2011, p. 128); “é um tipo de extensor da raiz, bastante comum nas línguas românicas.” (SCHWINDT, 2014, p. 115). Essa definição serve tanto para classes temáticas nominais quanto para as verbais. Há, no entanto, uma diferença importante entre classe temática nominal e verbal: esta tem influência sobre as conjugações dos verbos, classificando-os segundo sua distribuição mórfica de tempo e aspecto; aquela, sobre a semântica dos nomes em relação ao seu gênero e à forma de sua base. Para citar exemplos, em português os substantivos dividem-se em três classes temáticas: *-a*, *-o* e *-e*. Para Rosa (op. cit.), no entanto, a nomenclatura referente a esse segmento em verbos e em nomes: considera que os nomes têm *índice temático*, enquanto os verbos têm vogal temática, e atenta ao fato de os índices temáticos corresponderem às declinações dos nomes, enquanto as vogais temáticas correspondem às conjugações dos verbos.

Pode-se considerar, então, que a maioria dos substantivos uniformes em português (que não formam pares opostos como *menino/menina*) terminados em vogal *-a*, *-o* ou *-e* átona pertencem a uma classe temática desde que não se confunda a vogal temática com uma marca de gênero. Outras línguas fecham seus substantivos com vogais temáticas, como é o caso, por exemplo, do italiano, cujas palavras raramente são aтемáticas (tais como *città*, *novità*, palavras com última sílaba tônica, semelhantes em acento às palavras portuguesas *cipó* e *abadá*).

Como referido anteriormente, a vogal temática é um extensor da raiz, preparando o substantivo para a flexão. Por exemplo, a raiz *menin-* não pode ser flexionada. Tomando-se por base a flexão de número, isso fica mais claro: a raiz *menin-* afixada com o sufixo de plural resulta em **menins*. A vogal temática faz-se necessária: *menin-* (raiz) + *-o* (VT) + *-s* (sufixo de número, plural). Essa é a razão por que Câmara Jr. (1970/2009) postulou a forma teórica para a vogal temática: substantivos como *flor* não poderiam fazer plural sem uma vogal temática: ela aparece quando o substantivo está no plural (*flores*).

As vogais temáticas, além de servir de base para a flexão, “dão conta do princípio estruturalista de biunivocidade, que exige correspondência de um-para-um entre morfemas e sequências sonoras (...)” (SCHWINDT, 2014, p. 115). Tal afirmação dá espaço a outras interpretações acerca dos zeros postulados pelo estruturalismo, o que será discutido posteriormente.

Apesar de não caracterizarem marcação morfológica de gênero, as classes temáticas geralmente dividem os substantivos em possibilidades de atribuição de gênero: *-a* para feminino (ex. *janela*), *-o* para masculino (ex. *bolo*) e *-e* para ambos (ex. *enchente*, *desastre*). A interpretação atualmente encontrada para certas classes temáticas diz respeito, principalmente, ao reconhecimento de tema como tal. Assim, se sabe que a maioria dos substantivos que realiza vogal temática em detrimento de sufixo de gênero é ou assexuada (*problema*, *esquema*), ou feminina (*capa*, *casa*, *mesa*, *toalha*, *estante*, *enchente*), o que vai de encontro a novas crenças acerca do uso preconceituoso das marcas de gênero nos substantivos e em seus adjuntos.

3 GÊNERO E CLASSE TEMÁTICA EM PORTUGUÊS

Em português, o reconhecimento do gênero de uma palavra pode dar-se pela atribuição de marca morfológica de gênero ou pela atribuição da palavra a uma determinada classe temática. Assim, na língua portuguesa, um substantivo não pode comportar, ao mesmo tempo, na sua superfície, uma marca morfológica de gênero e uma de classe temática por conta de restrições fonético-fonológicas, principalmente para evitar a ocorrência de hiato. No entanto, a simples possibilidade de ocorrência de uma ou de outra, isto é, há uma relação paradigmática que a ocorrência de uma ou de outra proporciona em termos de competência linguística (i.e., certos substantivos comportam marca morfológica de gênero, enquanto outros – a maioria – comportam classe temática).

Para analisarmos como isso ocorre, partimos para uma análise que, nas próximas seções, será feita em três partes: na seção 3.1, será visto um panorama sobre a marcação morfológica de gênero em português; na seção 3.2, será estudada a classe temática em português e, na seção 3.3, será abordada a interação entre esses dois tipos de segmento. Ambos ocorrem em posição de final de palavra e se confundem à primeira vista, já que, em muitos casos, se utilizam de segmentos fonológicos idênticos.

3.1 MARCAÇÃO DE GÊNERO EM PORTUGUÊS

Como visto anteriormente, o gênero é uma categoria gramatical que gera certa discrepância de interpretações quanto à sua função primária, que é a de atuar como divisor semântico, não necessariamente relacionado ao traço de sexo, embora este seja o mais evidente quando se trata de substantivos animados. Esta correlação animacidade-sexo ocorre porque a presença de um desses traços implica a presença do outro (em português, um substantivo animado será, obrigatoriamente, sexuado, e vice-versa). Um ponto a ser destacado é o de que

(...) o gênero abrange todos os nomes substantivos portugueses, quer se refiram a seres animais, providos de sexo, quer designem apenas “coisas”, como *casa*, *ponte*, *andaiá*,

femininos, ou *palácio, pente, sofá*, masculinos. Explicar todas essas ocorrências pela metáfora, à maneira de um pansexualismo freudiano (...) não nos levaria muito longe. (CÂMARA JR., 1970/2009, p. 88)

Deve-se, portanto, atentar ao fato de que, em português, a distinção binária de gênero nem sempre corresponde à identificação de *sexo* do substantivo. Isso porque apenas substantivos animados terão essa caracterização (de o gênero atribuir-lhes um sexo determinado – masculino ou feminino). Além disso, conforme o referido linguista, mesmo alguns substantivos animados (e, conseqüentemente, sexuados) podem evidenciar a diferença existente entre gênero gramatical e sexo no sistema do português: por exemplo, a palavra *testemunha* será sempre de gênero feminino, mesmo que ela se refira, no contexto, a um ser do sexo masculino, bem como a palavra *cônjuge* será sempre de gênero masculino, mesmo que se refira a uma mulher. Da mesma forma, o autor cita os substantivos epicenos, utilizados para designar espécies de animais, cuja forma é inalterada, mesmo que se trate de animais de sexos opostos. Essa distinção de sexo faz-se através do acréscimo de adjetivos (ex. a cobra macho vs. a cobra fêmea).

No entanto, a noção de **marcação de gênero** presume que (i) há um gênero *default* na língua, e que (ii) há um gênero marcado, isto é, indicador de especialização na língua. Para Câmara Jr. (op. cit.), a forma marcada de gênero, em Português, é a feminina, já que o ‘genus’, i.e., a generalização de um tipo ou de uma espécie é veiculada pelo emprego do masculino, sendo a especialização marcada pelo emprego do feminino. A consequência de tal análise é a postulação de uma hierarquia entre sufixos de gênero e vogais temáticas, a ser mais bem explicada na seção 3.3.

Outra consequência de a generalização ser veiculada pelo emprego do masculino é a predominância aparente do emprego (aqui tido por enunciação ou utilização) de palavras masculinas sobre o de palavras femininas quando se trata de substantivos **biformes**, ou seja, que admitem, em uma mesma base, a aplicação de um segmento terminal que indique ou feminino ou masculino (geralmente *-a* e *-o* respectivamente).

Em pesquisa que realizei durante meu período de Iniciação Científica, foram analisados dados de fala a fim de que se pudesse descrever a marcação de gênero em uso no sul do Brasil (foram coletados quatro mil e oitocentos sintagmas nominais extraídos de vinte e quatro entrevistas do projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil)).³ Essas

³ Estudo vinculado ao projeto de pesquisa *A interação morfologia-fonologia em português brasileiro e a arquitetura da gramática*, coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt.

entrevistas foram realizadas com falantes nativos das três capitais do sul do país: Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba – as três capitais que integram o Projeto). Observamos que os resultados de aplicação sugerem um movimento da língua no sentido de utilizar o gênero masculino para as generalizações, embora isso não seja categórico ainda, necessitando investigação mais aprofundada. Assim, realizamos um experimento quantitativo a fim de observar a empregabilidade, na fala, de gênero no português, para que se pudesse depreender, em caráter inicial, como essa categoria gramatical é empregada na fala e em que contextos.

No referido experimento, as entrevistas foram estratificadas de acordo com: (i) o sexo do informante (homem ou mulher); (ii) a idade do informante (mais ou menos de cinquenta anos), e (iii) sua escolaridade (até quatro anos de escolaridade e nove anos ou mais de escolaridade). O estudo constituiu uma análise de **produtividade**. Na concepção que adotamos, produtividade deve ser entendida como **uso**, e não como uma regra abundante em formação de palavras, tal como preconizado por Aronoff (1976, apud ROSA, 2011), embora a atribuição de gênero a neologismos tenha por base o seu conceito de produtividade: como os dados são oriundos de entrevistas faladas, um dado considerado mais produtivo é aquele que é enunciado mais vezes. Logo, a produtividade está sendo abordada mais sob a perspectiva da *disponibilidade*, em detrimento da *rentabilidade* (cf. BAUER, 2003). De acordo com essa perspectiva, há certos processos que são mais rentáveis do que outros. Em português, poderíamos pensar que a criação de novos verbos da primeira conjugação (terminados em *-ar*) é um processo bastante rentável, gerando neologismos como *twittar*, por exemplo. Já os itens disponíveis são aqueles que estão na língua e podem ser usados independentemente de sua rentabilidade. Logo, uma análise de produtividade via disponibilidade permite a observação do emprego de qualquer tipo de dado.

Enquanto um trabalho de análise de produtividade de marcação de gênero, o estudo contou com dois métodos de análise – separados, que se cruzaram posteriormente. O primeiro foi a análise por *ocorrências*, que indica o número de vezes em que um determinado dado aparece no conjunto das entrevistas. Nesta primeira parte, todos os dados oriundos das entrevistas foram considerados (i.e., todos os 4800 substantivos, devidamente registrados com seus adjuntos, tornando possível a análise de todo o sintagma nominal, tendo sido coletados duzentos dados de cada entrevista). Nessa categoria de análise, mesmo quando um dado se repete, todas as suas recorrências são tidas como dados que entram para a análise.

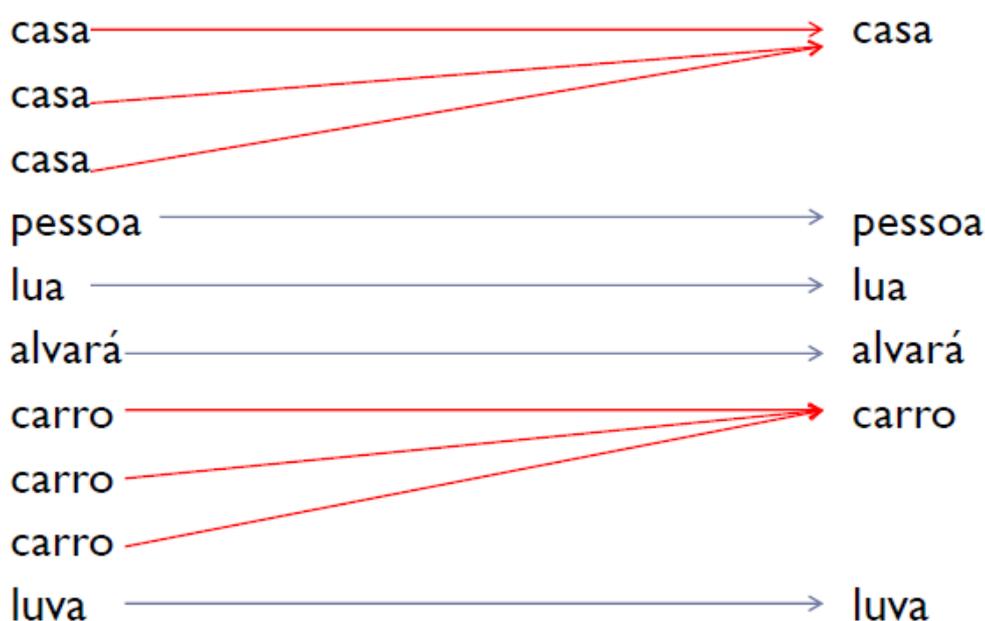
Já na segunda etapa do estudo, foi realizada a análise por *tipos*: nessa categoria de análise, as recorrências de um dado são consideradas como um dado, apenas.⁴ Por exemplo, se o substantivo *casa* é enunciado, no conjunto das entrevistas, por 34 vezes, consideramos que esses 34 dados gerados constituem apenas um tipo: o tipo [*casa*]_N. É importante salientar que, enquanto na análise por ocorrências foi considerada, entre outros fatores, a estrutura morfológica que precede o substantivo (a presença ou não de determinante que varia em gênero. Assim, [*casa*]_{SN}, [*uma casa*]_{SN} e [*alguma casa*]_{SN} são três ocorrências diferentes), na análise por tipos esse fator não foi considerado, tendo sido observado apenas o núcleo do sintagma (ou seja, o substantivo). Tal alteração de amplitude na análise (de ora olhar para o substantivo e seu determinante, ora olhar apenas para o substantivo) ocorreu devido ao objetivo, na análise por tipos, de observar apenas os substantivos. Além disso, como o antecedente varia na análise por tipos, que considera apenas os dados nucleares (substantivos), não seria possível verificá-lo se não analisássemos, nesse caso, as ocorrências.

A diferença entre ambas as análises é explicitada na Figura 1: em um universo hipotético de dez dados, cada um deles é considerado como uma ocorrência válida para a análise por ocorrências, mesmo que esses dados (nesse caso, os sintagmas nominais) contenham um mesmo substantivo. Por exemplo, cada vez que o substantivo *casa* aparece, sua ocorrência é registrada, bem como o seu contexto precedente (ex. *uma casa*, *a casa* e *alguma casa* são três dados diferentes, cada um com sua especificidade contextual). Ainda, nesse tipo de análise, objetiva-se a uma quantificação geral de aplicação, isto é, a um controle sobre quantas vezes são enunciadas palavras de um gênero ou de outro, sem ainda contar as repetições de palavras (que ocorrem tanto por necessidade, ex. “Fui a uma casa e a comprei. Aquela casa estava velha.”, quanto por equívocos e intenções variadas, como a de dar ênfase a uma parte do discurso do falante, ex. “a casa ãh,... a casa era bonita”; “a casa onde morei não era apenas uma casa... Era “a” casa”). Já na análise por tipos, o que se visa a observar é a distribuição no emprego de gênero sem se contabilizar as repetições de substantivos, ou seja, o alvo da análise é quantificar apenas o emprego de gênero pela necessidade primeira de enunciar uma palavra em detrimento de outra: se o falante precisa referir-se a uma casa, não dirá “apartamento”, por exemplo. Logo, a escolha lexical é um fator importante que leva um falante a utilizar uma palavra de gênero feminino ou masculino, ou seja, o conteúdo lexical da raiz pode passar por escolhas ideológicas – como, por exemplo, ocorre com a escolha entre as palavras *estudante* e *aluno*, mas essa escolha torna-se menos possível em se tratando de

⁴ Os resultados em termos de ocorrências foram proporcionalmente semelhantes com os resultados em termos de tipos.

substantivos assexuados; a marca de gênero, no entanto, não parece ser tão passível de escolha. A enunciação de uma palavra em detrimento da outra parece ser, então, baseada na disponibilidade de palavras na língua, bem como a consciência sobre sua significação. Isso permite que se obtenha um panorama mais preciso da aplicação de um gênero ou outro justamente pela necessidade semântica de se utilizar uma palavra em detrimento de outras, e não a repetição estilística ou contextual. Percebemos, então, que, no corpus hipotético da Figura 1, que dispõe de dez ocorrências, as repetições lexicais concernentes ao núcleo do SN são tidas como um único tipo, totalizando seis tipos para dez ocorrências. No referido experimento desenvolvido durante a Iniciação Científica, obtiveram-se, no total, 1266 (mil duzentos e sessenta e seis) tipos, extraídos do corpus de 4800 ocorrências.

Figura 1– Diferença entre Análise por Ocorrências e por Tipos
10 OCORRÊNCIAS **6 TIPOS**



Fonte: Autoria própria

A seguir, elencamos os grupos de fatores mais relevantes para o estudo (cf. Kolodny (2015)).⁵

(i) correspondência com sexo

⁵ No experimento, foram analisados diversos grupos de fatores. Para o presente trabalho, selecionamos aqueles que se mostraram mais relevantes para a análise.

Este grupo compreende os dois fatores relacionados ao traço semântico de sexo ([+sexuado] e [-sexuado]). Como exemplo de substantivos sexuados, podem-se citar praticamente todos os substantivos bifformes (menina, médico). Os substantivos não sexuados são em geral inanimados (pedra, livro, janela, copo).

(ii) tipologia de gênero

Este grupo de fatores diz respeito à forma da base dos substantivos, bem como à presença de segmento terminal ou composto de vogal temática ou de sufixo de gênero. A tipologia de gênero comporta, a princípio, três classificações gerais:

Substantivos uniformes: não contrastam binariamente em gênero sendo, assim, palavras de gênero único, excluindo até mesmo a possibilidade de alternância de gênero pelo determinante (ex. papel, borracha, vento, que jamais comportariam a possibilidade do emprego de *a papel, *o borracha, *a vento). Alguns substantivos sexuados estão compreendidos neste grupo, tais como os epicenos (ex. a cobra, a testemunha, o cônjuge).

Substantivos bifformes: são aqueles que formam oposição de gênero, mantendo a mesma forma da base e alterando a forma de seu segmento terminal (ex. menino/menina, gato/gata).

Substantivos comuns-de-dois gêneros: são substantivos de forma invariável, mas que aceitam o emprego tanto para expressar um ser do sexo masculino quanto um ser do sexo feminino, ou seja, contrastam em gênero através da flexão de seus adjuntos (ex. colega, dentista, gerente; podemos dizer o colega/a colega, o dentista/a dentista, o gerente/a gerente). Segundo Alves (2014), os substantivos comuns de dois gêneros têm seu gênero gramatical dependente do contexto, diferentemente dos substantivos epicenos (ex. a testemunha), que possuem gênero.

(iii) segmento terminal

Grupo de fatores referente à vogal ou consoante final de palavra. Foram analisados os segmentos terminais *-a*, *-o*, *-e*, *-l*, *-r*, *-s* (exceto o *-s* de plural). Exemplos de nomes que

contêm essas terminações são, respectivamente, carta, barcoo, ponte, pantanall, marr, mês. O objetivo, ao analisarmos os substantivos que continham esses segmentos terminais, foi o de analisar substantivos que contêm um tema (ou seja, tratou-se de palavras temáticas).⁶

(iv) tonicidade

Neste grupo, observou-se se o segmento terminal do substantivo localiza-se em sílaba átona (átonos) ou ele localiza-se em sílaba tônica (tônico). Como exemplo de “átonos”, tem-se lupa, casa, medo, e como exemplo de “tônicos” tem-se café e cipó.⁷

(v) animacidade

Os substantivos foram divididos entre animados, compreendendo geralmente aqueles que denotam seres vivos (criança, boto, gente) e inanimados (caneta, bolo, chifre), compreendendo os objetos em geral.

(vi) concretude

É a separação entre substantivos concretos, isto é, aqueles que denotam coisas ou seres que independem da existência de outras coisas ou seres (pedra, bolo) e substantivos abstratos, aqueles que dependem da existência de outras coisas ou seres (tristeza, medo, saudade).

(vii) estrutura morfológica precedente

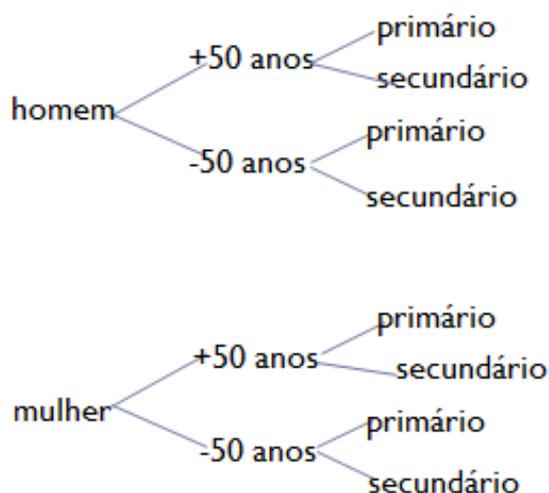
Diz respeito à presença ou não de um antecedente que concorda em gênero (exemplos de substantivos precedidos por uma estrutura morfológica flexionada, i.e., por um determinante: [uma casa]_{SN}, [o barco]_{SN}, [esta ponte]_{SN}, [o pantanal]_{SN}, [aquele mar]_{SN}, [o mês]_{SN}).

⁶ Esta interpretação dos dados segue a análise de Câmara Jr. (1970/2009) a respeito do comportamento das vogais temáticas, a qual admite uma **forma teórica** com um tema de vogal *-e*. Nesse caso, palavras como ‘pantanal’, ‘mar’ e ‘mês’ admitem as formas teóricas **pantanale*, **mare* e **mese*.

⁷ O sublinhado indica a sílaba tônica.

Para verificar se fatores sociais influenciavam o que se queria analisar – a produtividade da marcação de gênero –, foram também analisados os fatores oriundos da própria estratificação das entrevistas, conforme Figura 2: o sexo do informante, sua localização geográfica (Porto Alegre, Florianópolis ou Curitiba), sua idade (mais ou menos de cinquenta anos) e a sua escolaridade (até quatro anos de escolaridade e nove anos ou mais de escolaridade), tendo sido realizada uma análise quantitativa dos dados com levantamento de porcentagens e cruzamentos de grupos de fatores.

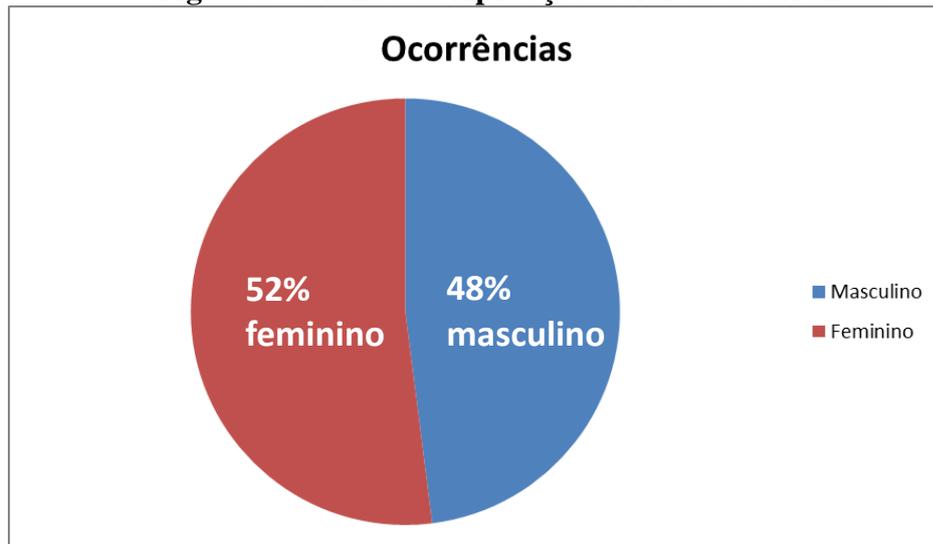
Figura 2– Estratificação das Entrevistas do Projeto VARSUL



Fonte: Autoria própria

Com a quantificação dos dados, objetivou-se à análise, em primeiro lugar, da **aplicação geral** do emprego de gênero gramatical masculino e feminino (análise feita com a quantificação de todos os dados ao mesmo tempo). Os resultados dessa primeira quantificação seguem nos gráficos (Figura 3 e Figura 4).

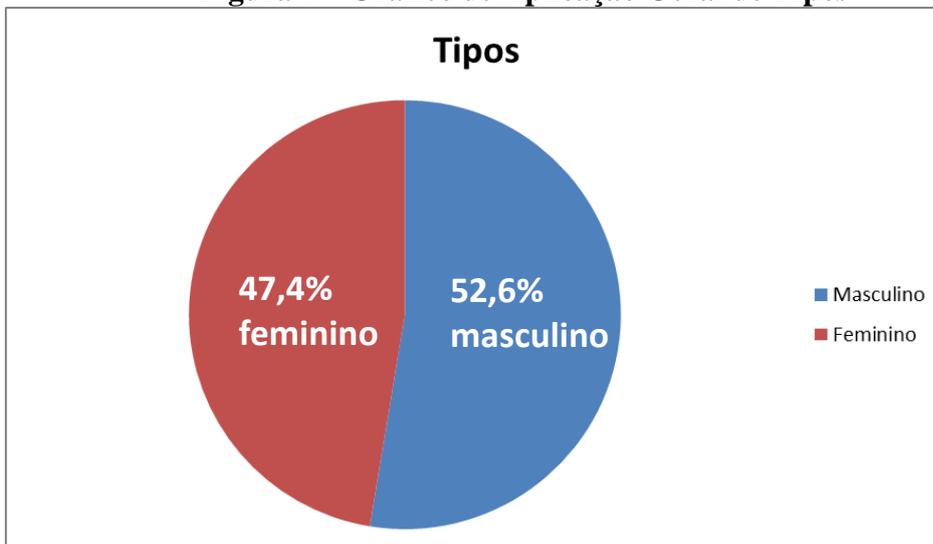
Figura 3– Gráfico de Aplicação Geral de Ocorrências



Fonte: Autoria própria

No gráfico da Figura 3, observa-se a aplicação geral de ocorrências, i.e., baseada no total dos dados extraídos das vinte e quatro entrevistas (4800 dados). Houve certo equilíbrio entre a aplicação de feminino e de masculino, com pouca vantagem no emprego de feminino. A aplicação geral das ocorrências permite uma visão ampla, mas incompleta em relação ao emprego de gênero: embora haja uma pequena vantagem no emprego do feminino, ainda não há a informação de quantos desses dados são repetidos por motivos diversos relacionados à língua em uso: retomadas anafóricas sem utilização de pronomes, intenção de enfatizar o que se diz, repetição por esquecimento, pleonasmos, etc. Apenas com a análise combinada de aplicação de ocorrências e tipos, podemos ter uma noção mais acurada da aplicação geral, bem como a confirmação desse relativo equilíbrio.

Figura 4 – Gráfico de Aplicação Geral de Tipos



Fonte: Autoria própria

O gráfico da Figura 4, concernente à aplicação geral de tipos, também mostra certo equilíbrio entre a aplicação de feminino e a de masculino com pouca vantagem, no entanto, para a aplicação de gênero masculino. Nesse resultado, a quantificação dos dados foi realizada aglutinando-se os tipos (substantivos) que se repetiram no uso. Já nesse primeiro resultado, vemos que o equilíbrio aparece em ambas as formas de quantificação dos dados. Além disso, a suspeita de equilíbrio suscitada pela aplicação de ocorrências é corroborada pelo resultado do levantamento numérico de tipos.

Esses dois primeiros resultados nos dizem sobre o emprego de gênero geral, sem veicular informações referentes a **como** o gênero é enunciado.⁸ Para que se possa saber o modo como o masculino e o feminino foram ditos, foi observado, primeiramente, o **segmento terminal** dos substantivos (vide item (iii)), analisando-se substantivos que possuem tema em vogal (palavras temáticas, cf. Câmara Jr. (1970/2009)). O resultado dessa análise é sintetizado na Tabela 1.

Tabela 1– Aplicação Geral de Segmento Terminal (Análise de Tipos)

	femininos	exemplo	masculinos	exemplo	Total (de 1266)
/a/	94% (402)	casa	6% (26)	mapa	33,8% (428)
/o/	0%	*tribo, libido	100% (406)	ponto	32,1% (406)
/e/	47,3% (71)	enchente	52,7% (79)	clube	11,8% (150)
/l/, /r/, /s/	9,9% (11)	flor	90,1% (100)	pantanal	8,7% (111)
outros ⁹	67,8% (116)	reunião	32,2% (55)	avô	13,55% (171)

Percebe-se na Tabela 1, como primeiro dado geral de aplicação de segmento terminal, que o número de emprego de substantivos terminados em *-a* e em *-o* é equilibrado, com uma pequena vantagem para o emprego de *-a*. Essa pequena disparidade não demonstra, por si, uma predominância de emprego de feminino sobre o masculino, já que uma pequena parcela dos substantivos terminados em *-a* é masculina, novamente corroborando o equilíbrio acusado pela aplicação geral de gênero gramatical (Figuras 2 e 3). Além disso, os nomes que possuem

⁸ Por “emprego de gênero”, pretende-se fazer referência ao uso, na fala, de palavras ora de gênero masculino, ora de gênero feminino.

⁹ Na categoria “outros”, temos substantivos atemáticos, terminados ou por vogal tônica (ex. *avô*, *cipó*, *abadá*), ou por consoantes que não são *-l*, *-r* e *-s* (ex. *jardim*, *tórax*), ou por ditongos nasais (ex. *reunião*, *refeição*). Olhamos para esses segmentos terminais separadamente e os amalgamamos para esta análise.

essas terminações compõem a maioria dos tipos do corpus utilizado (somados, figuram na posição final de 65,9% dos itens lexicais).

Evidenciou-se, portanto, que quando os entrevistados enunciaram substantivos que possuem o segmento terminal *-a*, a grande maioria desses substantivos possui o gênero feminino, cabendo à minoria dos substantivos terminados em *-a* o emprego de gênero masculino. Já no que tange os substantivos que terminam em *-o*, não houve nenhuma manifestação de gênero feminino (palavras como *tribo* e *libido* não foram ditas em nenhuma das entrevistas).

Quanto ao segmento terminal *-e*, que corresponde a 11,8% dos 1266 tipos obtidos para análise, observou-se equilíbrio de emprego de gênero. O resultado obtido foi de 71 substantivos femininos e 79 masculinos, o que promove algum indício para o questionamento da tendência atual, seguida por algumas pessoas, de se considerar a vogal terminal *-e* como segmento que aparece prioritariamente em palavras masculinas. A questão requer, contudo, uma investigação mais aprofundada, visto que a maioria dos dados terminados em *-l*, *-r* e *-s* são masculinos. Estes, conforme Câmara Jr. (1970/2009), teriam uma forma teórica terminada em *-e*, conforme nota 4. Além disso, a Tabela 2, referente ao cruzamento entre as tipologias de gênero e os segmentos terminais em questão, indica que o masculino predomina nas palavras fechadas por *-l*, *-r* e *-s* em todas as tipologias de gênero. Essa predominância poderia ser esperada em substantivos biformes, tais como *professor*, mas a predominância em substantivos uniformes é um dado que merece uma futura análise mais aprofundada para explorarmos a possibilidade de haver ou não uma vogal temática teórica.

Tabela 2 – Cruzamento entre segmento terminal e tipologia de gênero (Análise de Tipos)

Segmento terminal e tipologia de gênero	l	r	s
uniformes femininos	5% (2)	12% (4)	33% (5)
uniformes masculinos	95% (40)	88% (30)	67% (10)
biformes femininos	0%	0%	0%
biformes masculinos	0%	100% (14)	100% (1)
comuns-de-dois femininos	0%	0%	0%
comuns-de-dois masculinos	100% (2)	100% (3)	0%

Ainda no que diz respeito à aplicação geral de gênero e o modo como essa aplicação geral se deu na fala, outro grupo de fatores a ser considerado é o da **tipologia de gênero** (vide item (ii) desta seção). Na Tabela 3, podemos observar o comportamento dos dados segundo cada tipo de **forma da base** dos substantivos: uniforme, biforme ou comum-de-dois gêneros.¹⁰

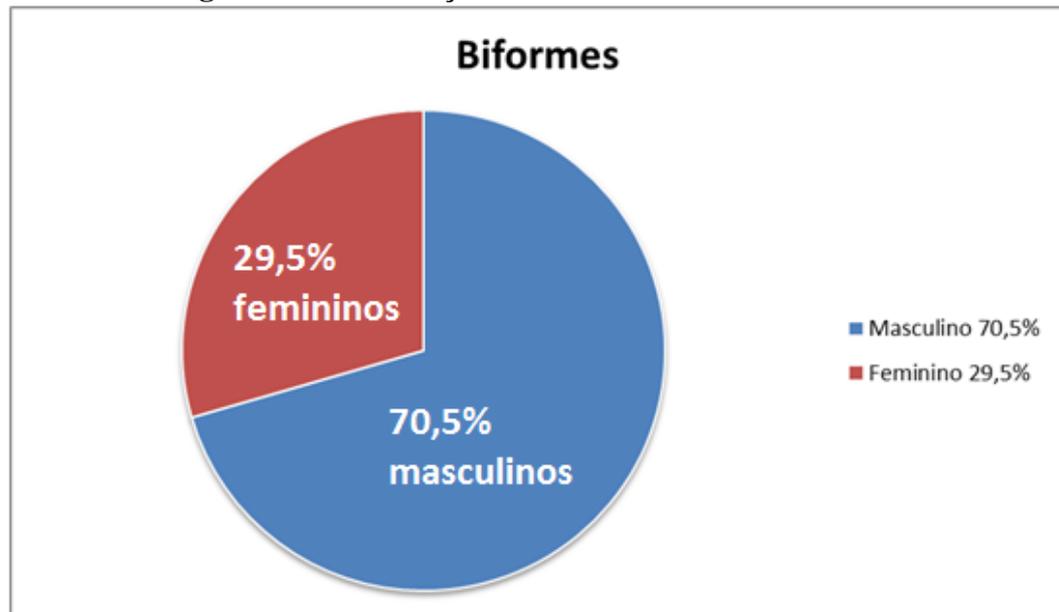
Tabela 3 – Aplicação de Tipologia de Gênero (Análise de Tipos)

	femininos	exemplo	masculinos	exemplo	total (de 1266)
uniforme	50% (556)	ponte	50% (556)	corpo	87,8% (1112)
biforme	29,5% (36)	menina	70,5% (86)	menino	9,6% (122)
comum de dois	25% (8)	colega	75% (24)	colega	2,5% (32)

Observa-se primeiramente na aplicação de tipologia de gênero que a grande maioria dos substantivos é uniforme, havendo equilíbrio perfeito de distribuição de gênero masculino e de feminino relativa a essa categoria formal, o que pode ser indício da disponibilidade parilha entre substantivos uniformes masculinos e femininos. Novamente, tal hipótese merece estudo mais aprofundado e não pode ser comprovada com o presente trabalho. No entanto, na minoria dos substantivos, que são biformes e comuns-de-dois, o emprego do masculino predominou com uma importante disparidade (para melhor visualização destes dois fatores, ver gráficos da Figura 5 e da Figura 6).

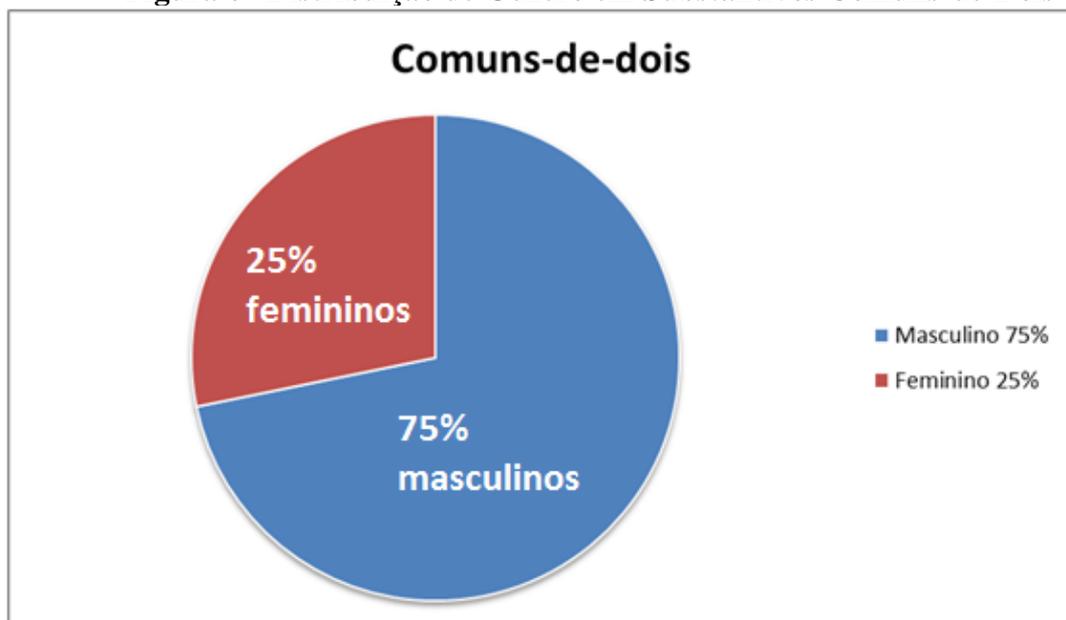
¹⁰ Sob o ponto de vista de Rocha (1998), há substantivos com e sem Mecanismo Linguístico de Flexão. Em sua análise, o autor afirma que substantivos uniformes (que possuem uma forma definitivamente masculina ou feminina (ex. *homem* e *mulher*) e comuns-de-dois (estes, embora possam designar seres de ambos os sexos, em sua forma admitem apenas um gênero gramatical definido, como *cobra*, *criança* e *jacaré*) possuem gênero **imanente**, já que sempre admitirão um único gênero de determinante. Já os substantivos biformes são considerados, pelo autor, como formas desprovidas de flexão, admitindo uma marca morfológica derivacional. Já Câmara Jr. (1970/2009) atribui aos substantivos uniformes e epicenos (comuns-de-dois) a pertença exclusiva a um ou outro gênero, não cabendo a flexão para tais formas. Por outro lado, quanto aos substantivos biformes, o autor afirma possuírem um mecanismo de flexão redundante, já que o artigo daria conta de determinar o gênero da palavra.

Figura 5 – Distribuição de Gênero em Substantivos Biformes



Fonte: Autoria própria

Figura 6– Distribuição de Gênero em Substantivos Comuns-de-Dois



Fonte: Autoria própria

Tal resultado pode se dever ao valor genérico que a forma morfológica masculina assume. Em experimento realizado com crianças de cerca de dois anos de idade, Augusto & Corrêa (2005) constataram que o gênero masculino era empregado mesmo quando as crianças referiam-se a um ser do sexo feminino, pois o faziam como forma de generalização: eram

mostradas figuras de um gato desenhado ou de uma gata desenhada, esta com adereços que a identificam socialmente/convencionalmente como tal. Isso, no entanto, não impediu que muitas crianças, ao serem interpeladas sobre o que viam no desenho, dissessem “um gato”, o que poderia indicar, segundo as autoras, uma função generalizadora (função de enunciar formas genéricas, que abrangem toda uma espécie) da forma masculina quando se trata de substantivos que admitem os dois gêneros (biformes), em uma concepção que admite tal conformação como sendo dotada de flexão de gênero.

No que diz respeito à **correspondência com sexo** (vide item (i)), a maioria dos substantivos é não sexuada (cf. Tabela 4), isto é, apresenta o traço [-sexuado].

Tabela 4 – Correspondência com Sexo (Análise de Tipos)

	femininos	exemplo	masculinos	exemplo	total (de 1266)
não sexuada	49,8%	enchente	50,2%	corpo	86,5%
	(545)		(550)		(1095)
sexuada	32,2%	gata	67,8%	gato	13,5%
	(55)		(116)		(171)

Como se pode observar, nessa maioria de substantivos não sexuada, houve equilíbrio entre o emprego de masculino e de feminino. Todavia, em relação à minoria sexuada, predomina o emprego de masculino. Essa distribuição desparelha é implicada e implica o que foi visto até agora nesta análise de resultados de pesquisa: ao mesmo tempo em que se tem uma maioria de substantivos uniformes, e que nestes, há o equilíbrio de emprego de gênero gramatical, tem-se uma minoria de substantivos biformes e comuns-de-dois gêneros, e é justamente nessas “minorias” que o emprego do masculino predomina sobre o do feminino no uso. Não por acaso, o emprego de substantivos sexuados masculinos predomina sobre o emprego de substantivos sexuados femininos, visto que os substantivos biformes e comuns-de-dois gêneros são, na maioria dos casos, sexuados. Além disso, o traço semântico de sexo, intimamente associado ao traço semântico de animacidade, corresponde aos resultados mostrados na Tabela 5.

Tabela 5 – Animacidade (Análise de Tipos)

	femininos	exemplo	masculinos	exemplo	total (de 1266)
animado	30,3%	baleia	69,6%	boto	14,8%
	(57)		(131)		(188)
inanimado	50,4%	carta	49,6%	apartamento	85,2%
	(543)		(535)		(1078)

Logo, além da correspondência entre substantivos sexuados e bifformes e comuns-de-dois, os resultados em negrito das tabelas 3 e 4 (linha dos sexuados e linha dos animados) mostram que também correspondem um ao outro quase perfeitamente: quando um substantivo é sexuado, certamente é animado e vice-versa. Em adição a esse fato, constata-se, até o momento, maior aplicação de substantivos uniformes, não sexuados e inanimados, corroborando, assim, a ideia de que o gênero gramatical não tem correlação exclusiva com sexo, embora também estabeleça relação com esse traço (cf. ARMELIN, 2014; CÂMARA JR., 1970/2009; CORBETT, 1991; ROCHA, 1998; SCHWINDT, 2011).

A partir do resultado bruto sobre a quantidade de substantivos sexuados, explicitado acima, foi feito o cruzamento entre os fatores **correspondência com sexo** e **segmento terminal**, a fim de se verificar, mais especificamente, quantos substantivos sexuados do corpus realizam oposição de segmento terminal: *-a* para o feminino e *-o* para o masculino (ou seja, tal cruzamento de dados permitiu que se verificasse quantos dos substantivos sexuados são bifformes).

**Tabela 6 – Cruzamento entre correspondência com sexo e segmento terminal
(Análise de Tipos)**

	exemplo	total (de 1266)
/a/ sexuados bifformes femininos	menina	1,7% (21)
/o/ sexuados bifformes masculinos	sogro	4,7% (59)
total		6,4% (80)

Na Tabela 6, vê-se que a minoria dos substantivos sexuados é bifforme (apenas 6,4% da amostra).¹¹ Desses, figuraram apenas 1,7% de femininos e 4,7% de masculinos. Essa predominância do masculino sobre o feminino evoca, novamente, os resultados anteriores: quando se trata de substantivos bifformes, o emprego de masculino predomina sobre o emprego de feminino, por razões anteriormente comentadas.

Outro cruzamento importante para a análise foi feito: o da **estrutura morfológica precedente** (item (vii)) com o **segmento terminal**, notadamente os que ocorrem em palavras

¹¹ Esse resultado aproxima-se bastante do obtido por Rocha (1982): na ocasião de seu estudo, o autor obteve um total de 4,5% de substantivos bifformes que realizam oposição *-a/-o*, em uma amostra que totaliza 4000 dados (dos quais 182 correspondem à porcentagem de 4,5). Também é este o resultado observado por Schwindt em sua pesquisa em andamento sobre o emprego de gênero no léxico institucionalizado. O léxico institucionalizado é, por si, um corpus de tipos.

consideradas temáticas. Essa informação necessitou da análise por ocorrências, uma vez que, considerando cada substantivo como um dado válido para integrar a amostra, podemos ver o determinante que acompanha cada substantivo.

Tabela 7 – Estrutura Morfológica Precedente e Segmento Terminal (Análise de Ocorrências, baseada em 4800 dados)

	/a/	/o/	/e/	/l/	/r/	/s/
com antecedente flexionado	72,1% (1232)	72,5% (947)	80,9% (601)	69,4% (104)	72,2% (122)	80,5% (120)
sem antecedente flexionado	27,9% (477)	27,5% (359)	19,1% (142)	30,6% (46)	27,8% (47)	19,5% (29)

Nota-se, através da Tabela 7, que a maioria dos substantivos que contam com os segmentos terminais *-a*, *-o*, *-e*, *-l*, *-r*, *-s* aparecem acompanhados de algum antecedente flexionado, isto é, de determinante. Percebe-se, além disso, que a porcentagem mais alta de dados que possuem antecedente refere-se a substantivos terminados em *-e*, talvez pela necessidade de delimitar o gênero pretendido através do determinante (ex. o gerente/a gerente: como substantivo comum-de-dois, é impossível depreender seu gênero em isolado. Tal dificuldade é notada principalmente por aprendizes de português como língua adicional: as chances de substantivos terminados em *-a* serem feminino e, os terminados em *-o*, masculinos é maior, ao passo que substantivos terminados em *-e* sempre geram mais dúvidas quanto à atribuição correta de gênero. Logo, o determinante (ou artigos) faz-se necessário.

No que se refere à concretude (item (vi)), os dados apontaram para uma predominância considerável de substantivos concretos sobre os abstratos. Entretanto, em ambas as categorias houve certo equilíbrio de emprego de gênero, com leve predomínio de masculinos para os substantivos concretos e leve predomínio de femininos para os abstratos, conforme apresentado na Tabela 8.

Tabela 8 – Aplicação Geral de Concretude (Análise de Tipos)

	femininos	exemplo	masculinos	exemplo	total (de 1266)
concreto	45,7% (470)	mala	54,3% (558)	bola	81,2% (1028)
abstrato	54,6% (130)	tristeza	45,4% (108)	cansaço	18,8% (238)

Como principais generalizações a respeito desse estudo quantitativo, percebemos que (i) há a correspondência entre segmento terminal e gênero na maioria dos dados (-*a* para feminino, -*o* para masculino e -*e* para ambos); (ii) o uso do gênero masculino predomina em substantivos biformes; (iii) poucos substantivos, em relação ao total de dados, são sexuados, e, destes, poucos fazem oposição entre -*a* e -*o*; (iv) gênero mostrou-se uma categoria gramatical, pois os fatores sociais não influenciaram a marcação de gênero (o emprego geral de masculino e feminino foi quantitativamente equilibrado para todos os informantes).

Vimos também, ao longo desta seção, que mesmo na minoria de substantivos sexuados, podem ocorrer os epicenos, tais como *testemunha* e *cônjuge*. Na seção 3.2, a possibilidade de ocorrência de palavras não sexuadas com segmentos terminais característicos de palavras sexuadas, bem como a possibilidade de ocorrência de palavras que denotam seres sexuados, mas que valem para os dois sexos, os epicenos, serão mais amplamente abordadas devido a um segmento que “compete” com o segmento sufixal de gênero, a **classe temática**.

3.2 CLASSE TEMÁTICA EM PORTUGUÊS

Em Português, o segmento terminal das palavras permite identificar, na superfície, o gênero das palavras, sejam substantivos ou adjetivos, embora a competência linguística do falante com respeito ao reconhecimento e à atribuição de gênero a um nome esteja ancorada em traços anteriores à inserção fonológica do segmento que fecha a palavra. Esse segmento terminal pode tanto ser um morfema de gênero, configurando um sufixo, quanto uma **vogal temática nominal**. Esta se diferencia da vogal temática verbal exatamente pelo que foi discutido na seção 2.1: em substantivos, a classe mórfica de gênero distingue-se da classe mórfica de conjugações verbais justamente por estas não atribuírem, por si, um traço semântico aos verbos, embora distribuam essa classe de palavras em três conjugações distintas, de efeito puramente formal (ou seja, vogal temática nominal é diferente de vogal temática verbal). Do outro lado, temos as vogais temáticas nominais, notadamente -*a*, -*o* e -*e*, que servem de indício a respeito da pertença a um ou outro gênero. Logo, a vogal temática nominal tem relevância semântica: a pertença à classe de vogal -*a*, -*o* ou -*e* interfere no reconhecimento do gênero dos substantivos pelos falantes.

De acordo com a análise de Câmara Jr. (1970/2009), o gênero (tendo-se em vista que o gênero enquanto categoria gramatical se materializaria através da sufixação), sendo uma categoria flexional, é, na verdade, uma categoria redundante, uma vez que muitos substantivos sequer comportam um sufixo de gênero, não o manifestando em consequência da presença insubstituível, em muitos casos, da vogal temática. Segundo Armelin (2014), cuja análise parte do ponto de vista sintático, ou seja, que tende a assumir o gênero como categoria flexional, isso ocorre porque, principalmente em palavras com o traço [-animado], a vogal temática tem prioridade sobre o marcador de gênero na inserção vocabular, que é quando esses nós adquirem seus traços fonológicos. Ainda, conforme Alcântara (2010), baseada em Harris (1999) – este tratando do espanhol –, os substantivos do português dividem-se em quatro classes formais, das quais as três primeiras são consideradas formas temáticas. Essas classes podem ser observadas na Figura 7.

Figura 7 – Classes Formais do Português

Classe Formal		
a. I		
	/o/	m astro, belo, calmo, dado, figo, imenso, jato, lobo, maestro, noivo, oco, peito, quadro, rato, sino, urso, vândalo, zelo, ... f libido, tribo, virago, ...
b. II		
	/a/	f alameda, bela, cava, dama, fada, girafa, ilha, juta, lâmpada, neta, ostra, pedra, quimera, rúcula, cesta, testa, uva, vaca, zebra, ... m aroma, cometa, drama, edema, fantasma, gorila, idioma, lema, mapa, nauta, ômega, plasma, prana, rapa, sistema, tema, ...
c. III		
	/e/	m abacate, acorde, açougue, alarde, bagre, bandeide, basquete, blefe, bos/k/e, clube, debo/f/e, dote, eslaide, forde, lan/v/e, nocaute, padre, tigre, verde, ... f algoz, anis, bolor, capuz, convés, feliz, mártir, revés, teor, tenaz, ... are, apêndice, bule, cárcere, do/s/e, escore, folclore, tule, vale, ... arte, ave, boate, buti/k/e, chance, chave, cidade, haste, lápide, madre, mascote, metade, neve, noite, parede, saúde, sebe, sorte, trave, ... cor, cruz, dor, espiral, flor, foz, paz, tez, ... alfa/s/e, árvore, cla/s/e, fa/s/e, indole, mu/s/e, pele, prole, to/s/e, ... alegre, chefe, célebre, cliente, consorte, cra/k/e, mestre, pedestre, triste, ... bene/s/e, célere, mole, preco/s/e, súpli/s/e, ... m/f bagageN, corageN, joveN, homeN, álbuN, treN, armazeN, jardiN, ... frei, lei, rei, boi, apogeu, mausoléu, troféu, ... araçá, pá, vatapá, chá, jabuti, pajé, ... vil, farol, papel, ...
d. IV		
	∅	m/f bagageN, corageN, joveN, homeN, álbuN, treN, armazeN, jardiN, ... frei, lei, rei, boi, apogeu, mausoléu, troféu, ... araçá, pá, vatapá, chá, jabuti, pajé, ... vil, farol, papel, ...

Fonte: (ALCÂNTARA, 2010, p. 6).

Armelin (2014) explica a pertença de certos substantivos terminados por consoante à classe formal III (substanciada pela vogal -e) baseando-se em Câmara Jr. (1970): a autora considerou que todo substantivo terminado por vogal que adquire um -e no plural pertence à classe III (ex. flor/flores; mar/mares), mesmo mecanismo de análise que levou Câmara Jr. (1970/2009) a postular a vogal temática teórica para esse tipo de substantivo. Ainda, para a autora, as classes formais (temáticas) são desprovidas de sentido, ao passo que o gênero, sim, propicia um contraste semântico, além de não ser uma categoria arbitrária. Além disso, afirma que, em português, as vogais temáticas são sintaticamente inativas, isto é, não determinam flexão de adjuntos (o que, como se vê na seção 3.3, pode ser visto de outra forma quando

associamos a classe temática ao gênero, levando-nos a uma interpretação da classe temática como importante fator de atribuição de gênero e, conseqüentemente, de concordância).

A classe temática em português é, além de um classificador nominal, dividindo palavras em três categorias temáticas, um importante aliado no reconhecimento do gênero de uma palavra. Embora esse reconhecimento nem sempre seja possível, tornando o aprendizado de português como língua adicional um pouco mais difícil em relação a palavras da classe II (tema em *-a*), e consideravelmente mais difícil quanto à classe III (tema em *-e*), a própria noção de gênero não prescinde da classe temática, pois ambos “concorrem” para fechar a base do vocábulo formal e formar o substantivo.

3.3 A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E CLASSE TEMÁTICA EM PORTUGUÊS NO RECONHECIMENTO DO GÊNERO DOS SUBSTANTIVOS

Vimos nas seções anteriores que tanto os chamados sufixos de gênero quanto os classificadores temáticos nominais influenciam a atribuição de gênero dos nomes, com foco na classe substantiva. Percebemos que o falante atribui gênero tanto pela presença de sufixo quanto de vogal temática; esta se apresenta como uma parte indissociável da base do substantivo;¹² aquele, que se configura como marcador de gênero por excelência, é acrescido à raiz da palavra.

Para uma melhor análise da interação entre gênero e classe temática, retomemos a primeira entre as principais generalizações do experimento quantitativo descrito na seção 3.1: *(i) há a correspondência entre segmento terminal e gênero (-a para feminino, -o para masculino e -e para ambos) na maioria dos dados*. Tal observação vai ao encontro da análise de Câmara Jr. (1970/2009), que postula como regras gerais de atribuição de gênero em português que o feminino é substanciado pela vogal *-a* (seja sufixo de gênero, que é o caso dos substantivos biformes, seja vogal temática, no caso dos uniformes) e o masculino é substanciado pela vogal *-o*, sendo a vogal *-e* empregada em ambos os gêneros como vogal temática, e nunca sufixo de gênero. Nos dois casos (feminino e masculino), conforme o autor, a vogal terminal nem sempre é marca morfológica de gênero (análise que recupera a noção da própria categoria gramatical de gênero, uma vez que esta nem sempre designa seres

¹² A base do substantivo é formada pela sua raiz acrescida de sua vogal temática correspondente; logo, em palavras como *pedra*, *bolo* e *ponte*, temos a seguinte composição: “raiz + vogal temática”. Essa formação resulta na base pronta para afixação, ou seja, no radical (cf. SCHWINDT, 2014): *pedr* + *-a*; *bol* + *-o*; *pont* + *-e*.

sexuados): no caso de substantivos femininos sexuados, o segmento fonológico /a/ é sufixo de gênero (ex. *menin/a/*, *cachorr/a/*, *médic/a/*, *advogad/a/*), em contraste com o segmento fonológico /a/ de substantivos femininos não sexuados (e, portanto, uniformes, ex. *mes/a/*, *almofad/a/*, *bol/a/*), que é considerado, neste caso, não um sufixo de gênero, mas uma **vogal temática**, i.e., “um formativo que expande a raiz para a constituição do tema, a base para as marcas flexionais.” (ROSA, 2011, p. 128). As vogais temáticas indicam, entre outras coisas, que o substantivo em questão possui gênero imanente (cf. ROCHA, 1998): não havendo binariedade, o item lexical referente a um substantivo uniforme não sexuado, por si só, carrega a informação de gênero.

Já para os substantivos masculinos terminados com o segmento fonológico /o/, a atribuição de gênero dá-se de forma diferente segundo Câmara Jr. (1970/2009): mesmo em substantivos biformes, o /o/ atua como vogal temática sendo o gênero masculino substanciado pelo morfema de gênero - \emptyset , que figura uma ausência significativa, indicando que é a ausência de sufixo de gênero que exponencia o gênero masculino. Com isso, a análise do autor dá-se da seguinte forma, se tomados como base para a explicação o par *menino/menina*:

- (i) menin (raiz) + -o (vogal temática) + \emptyset (sufixo flexional de gênero masculino)
- (ii) menin (raiz) + \emptyset (vogal temática) + -a (sufixo flexional de gênero feminino)

Ao se tomar por base essa análise, alguns fatores devem ser considerados: primeiro, o morfema zero substancia o masculino em qualquer caso, sendo qualquer segmento terminal de substantivo masculino considerado uma vogal temática; segundo, o morfema que substancia o gênero feminino é [-a]; no entanto, ele pode assumir alomorfia, podendo exponenciar-se também por um zero.

No caso de substantivos terminados pelo segmento fonológico /e/, este sempre será vogal temática (isso poderia explicar a distribuição tão parelha entre o emprego de feminino e masculino para esse segmento terminal).

Apesar dessa análise – a de que o /o/ nunca é marca de gênero, embora ocorra quase exclusivamente em palavras masculinas –, a análise de Schwindt (2011) revela uma consideração um pouco distinta em relação à marcação de gênero no que diz respeito à preferência por marca morfológica de gênero ou vogal temática, dada por uma estrutura ranqueada na Figura 8, sob uma perspectiva teórica de base realizacional, que não admite os

zeros morfológicos, i.e., considera-se a não realização de morfemas onde Câmara Jr. (1970) introduzia zeros:¹³

Figura 8 – Ranking de classe e gênero em português

MAX-M(CL3) >> MAX-M(FEM) >> MAX-M(CL2) >> MAX-M(CL1) >> MAX-M(MASC)
e *a* *o* *a* *o*

Fonte: Schwindt (2011)

O autor postula essa ordem de preferência pela aplicação de morfema de gênero ou de classificador (vogal temática), ou seja, uma hierarquia que denota um *ranking* de restrições que leva à não realização de um determinado morfema em detrimento de outro: (i) vogal temática *-e* é hierarquicamente superior a sufixo de gênero feminino substanciado pela vogal *-a*; (ii) sufixo de gênero feminino, substanciado pela vogal *-a*, tem preferência sobre a aplicação de vogal temática *-o* para exponenciar o gênero feminino; (iii) para exponenciar o gênero masculino, a vogal temática *-o* tem preferência de aplicação sobre a vogal temática *-a*; (iv) a vogal temática *-a* tem prioridade sobre o sufixo de gênero masculino *-o*.

Tal *ranking* permite, também, observar que, no caso do feminino, o sufixo de gênero tem preferência sobre a vogal temática, enquanto, no caso de emprego do gênero masculino, a vogal temática tem preferência sobre o marcador de gênero masculino. Ainda, quando se trata do emprego de palavras comuns-de-dois gêneros, tais como *gerente*, a preferência é pelo *spell-out* da vogal temática *-e*, o que vai ao encontro do resultado obtido no estudo quantitativo: o equilíbrio entre emprego de masculino e de feminino em substantivos cujo segmento terminal é a vogal temática *-e*. A análise de Schwindt (2011) vai ao encontro do preceito de Câmara Jr. (1970) de que *-e* é vogal temática, e não sufixo de gênero intimamente associado ao masculino.

Ainda, esse ranking permite uma visualização ainda mais clara dos resultados do estudo quantitativo realizado, pois a falta de ocorrência de dados compreendendo substantivos femininos que comportam o segmento terminal *-o* encontra respaldo teórico: o feminino, realizado pelo sufixo de gênero *-a* ou pela vogal temática *-e*, tem prioridade sobre o emprego de vogal temática *-o*. Além disso, a minoria de substantivos masculinos terminados em *-a* é

¹³ No caso de neologismos enunciados por crianças em fase de aquisição da linguagem, como *formigo*, a análise de Schwindt (2011) dá conta de explicá-los pela realização de um *-o* relacionado ao gênero masculino. Já na análise de Câmara Jr. (1970/2009), esse *-o* de final de palavra não poderia ser considerado nem vogal temática, pois faz oposição de sexo, nem sufixo de gênero, que seria sempre, na análise mattosiana, um zero morfológico.

explicada: mesmo que o sufixo de gênero masculino seja o último na hierarquia, a vogal temática *-o* precede a vogal temática *-a*.

Vimos, então, que a relação entre gênero e classe temática atua sobre a competência linguística dos falantes, em português, pelo motivo primeiro de haver gênero nas línguas: o de categorizar semanticamente as palavras, separando-as em grupos que compartilham um ou mais traços. No caso da língua portuguesa, que se apresenta como um *sistema formal* e parcialmente semântico, a concorrência entre gênero e classe temática pressupõe a interação entre a tipologia de gênero (a forma da base: uniforme, biforme ou comum-de-dois gêneros) e a correspondência com sexo. Esta, por sua vez, sempre está atrelada ao traço de animacidade. Logo, a forma do substantivo aliada ao seu gênero gramatical correspondente determina o emprego ora de marca morfológica de gênero, ora de vogal temática.

4 GÊNERO E CLASSE TEMÁTICA EM FRANCÊS

Tratando do gênero na língua francesa, Robert Paul (2013), afirma que

o gênero designa uma categoria que expressa ora a pertença ao sexo masculino, ora ao sexo feminino ora às coisas (neutro). Refere-se a uma categoria de certas palavras francesas (nome, pronome, adjetivo, artigo, particípio passado) que é, seja o masculino, seja o feminino, e que é expressa seja por sua própria forma¹⁴ (no feminino, *elle, la, recouverte, son amie*), seja pela concordância¹⁵ (*le sort, la mort, les manches longues, une dentiste, l'acrobate brune*). (apud EZEODILI, 2014, p. 81, tradução minha).¹⁶

De acordo com Ezeodili (2014), o gênero em francês é uma categoria sobretudo gramatical, que não tem relação com o sexo. Essa categoria gramatical teria a função central de relacionar palavras em um sintagma, através da concordância. Embora compartilhada por todos os falantes nativos, a atribuição de gênero na língua francesa, segundo a autora, talvez ocorra de forma arbitrária, uma vez que nada na natureza assegura que *sort* é uma palavra dotada de gênero masculino, por exemplo, ou que *mort* é uma palavra que instiga a atribuição de gênero feminino fora do sistema, ou seja, fora do que é arbitrariamente compartilhado entre os falantes, o que se diferencia bastante de palavras sexuadas, cujo gênero é motivado pela intenção discursiva de referir-se a seres de um ou outro sexo. No entanto, mesmo que semanticamente a atribuição de gênero possa ser arbitrária, muitos estudiosos defendem a ideia de que a atribuição de gênero em francês segue regras sistemáticas, principalmente pelo reconhecimento do segmento terminal de cada palavra. Esse segmento terminal pode tanto ser um sufixo derivacional que assume diferentes formas para diferentes gêneros (como é, para melhor exemplificação, o caso dos sufixos *-eur*, masculino e seu correspondente feminino, -

¹⁴ Exemplos citados do reconhecimento de gênero pela forma em português: *ela, a* (artigo), *coberta, sua amiga*.

¹⁵ Tradução dos exemplos citados do reconhecimento de gênero pela concordância: *a sorte* (masculina em francês), *a morte, as mangas longas, uma dentista, a acrobata morena*.

¹⁶ Trecho original : “Catégorie exprimant parfois l'appartenance au sexe masculin, au sexe féminin ou aux choses (neutre). En français, catégorie de certains mots (nom, pronom, adjectif, article, participe passé) qui est soit le masculin, soit le féminin et qui est exprimée soit par leur propre forme (au féminin, elle, la, recouverte, son amie) soit par l'accord (le sort, la mort, les manches longues, une dentiste, l'acrobate brune).” (ROBERT PAUL, 2013, apud EZEODILI, 2014, p. 81).

euse) quanto um segmento fonológico notório de gênero marcado (o *-e* acrescido a várias palavras para formar o feminino, como no par *avocat* (advogado) e *avocate* (advogada)). A língua francesa, além disso, teria um diferencial em relação a outras línguas, tais como o inglês: o francês é dotado de substantivos que possuem gênero inerente, i.e., substantivos, tais como *sort*, *manche* (citados acima), desprovidos de características de sexo e de animacidade, configurando nomes não sexuados e, por conseguinte, inanimados. O gênero inerente não ocorre em todas as línguas: muitos sistemas marcam gênero apenas para distinção de sexo. Note-se que, em francês, a categoria gramatical de gênero atribui mais características além de traços de sexo: também estão inferidas, a partir da análise de gênero inerente vs. gênero que indica sexo, as categorias que indicam se significado do substantivo indica um ser vivo ou um objeto (o que pode ser distinguido, em várias outras línguas que não latinas, através da ocorrência de inúmeros gêneros além do masculino, feminino e neutro (cf. Corbett (1991)). Além de acarretar uma questão semântica, o gênero também é, segundo Corbett (1991, apud EZEODILI, 2014, p. 81), um traço morfossintático, essencial à concordância.

Vemos que em língua francesa, o gênero é mais comumente defendido como uma categoria inerente aos substantivos, sendo a maioria deles uniforme. Além disso, há a hipótese de que, enquanto alguns nomes carregam em seu significado o seu gênero inerente (o que acontece com os substantivos animados e com marca fonológica evidente de marcação de gênero), outros manifestam mais claramente o seu gênero através da concordância, conforme exemplificado a seguir.

(i) gênero inerente em substantivos animados, definidos semanticamente.

ex. *femme* (mulher), *homme* (homem);

(ii) gênero inerente em substantivos inanimados com evidência de marca morfológica de gênero marcado (feminino).

ex. *découverte* (descoberta, evidência de marcação de gênero pela terminação *-e* em forma derivada do particípio passado), *chouette* (coruja, marcada pela terminação exclusivamente feminina *-ette*), *ordinateur* (computador, masculino por manifestar terminação exclusivamente masculina *-eur*);

- (iii) **gênero inerente em substantivos que não possuem semântica nem terminação de palavra comumente associada a um ou outro gênero.**

ex. *sort* (sorte), *cahier* (caderno), *étoile* (estrela)

4.1 MARCAÇÃO DE GÊNERO EM FRANCÊS

Assim como o português, o francês também é uma língua que comporta a categoria gramatical de gênero binária na superfície, uma vez que, como língua que evoluiu do latim, o Francês possui o gênero marcado (feminino) designando seres com traço semântico [+animado] do sexo feminino, além de seres inanimados que têm o gênero gramatical associado ao feminino e também o não marcado (masculino), que designa tanto seres animados do sexo masculino quanto seres inanimados arbitrariamente designados ao gênero gramatical em questão (seja feminino ou masculino). No entanto, além desses dois gêneros, há também o gênero neutro, resquício do latim, que se manifesta amalgamado com o não marcado (o masculino de generalização). Defende-se, na maioria dos trabalhos encontrados para embasar o presente estudo, a tese de que, na língua francesa, há gênero masculino, feminino e o mencionado masculino de generalização, que denota tanto seres (sexuados) masculinos quanto femininos, característica que mais aproxima a concepção de o gênero masculino ser um amálgama de masculino e neutro, ideia que ganha força ao serem analisados os sintagmas nominais no plural em certas frases como, por exemplo, *les étudiants (masc.) sont venus/* ‘os **estudantes** vieram’, podendo o substantivo de gênero masculino pluralizado – *étudiants* – designar um grupo de estudantes que comporte tanto pessoas de sexo masculino quanto de feminino. Tal generalização sustenta o *status* do masculino de **gênero não marcado** na língua francesa, isto é, gênero que não especializa coisas e seres, principalmente quando utilizado no plural ou em frases cujo contexto é o de generalização tanto de espécie quanto de grupo social (ex. *l’homme est un animal qui pense/* o homem é um animal que pensa; *les élèves (masc.) sont arrivés tôt/* ‘os **alunos** chegaram cedo’).

4.1.1 CONTEXTOS DE GÊNERO MARCADO E NÃO MARCADO EM FRANCÊS

A intuição mais geral a respeito da marcação de gênero em francês é a de que as palavras terminadas em *-e* são femininas. Tal senso comum, embora não compreenda todos os

substantivos terminados em *-e*, baseia-se em um fato: na língua francesa o segmento terminal *-e* é bastante produtivo em termos de disponibilidade, sendo vários pares opositivos marcados por um *-e* final: *bavard masc./ bavarde fem.*, *allemand masc./ allemande fem.*, *avocat masc. / avocate fem.*, etc. Entretanto, também são produtivas novas formas femininas na língua (derivadas de empréstimos ou de feminização de palavras anteriormente de gênero único masculino) a partir de sufixação de outras formas, tais como *ette*, que indica feminino diminutivo, *elle e euse*. As três são formas derivacionais exclusivamente femininas.

Para Tucker et al (1977, apud EZEODILI, 2014, p. 84), o francês possui um sistema de atribuição de gênero que envolve três instâncias – às vezes as três ao mesmo tempo, mas nem sempre. São elas as **regras semânticas**, **as regras morfológicas e as regras fonológicas**. Segundo Ezeodili (2014), se seguirmos a primeira regra – a **regra semântica** –, vamos nos deparar com substantivos tais como *père, mère, fille, fils* (*pai, mãe, filha/menina, filho*), isto é, “os substantivos que pertencem naturalmente ao sexo masculino revelam-se masculinos, enquanto os do sexo feminino revelam o feminino.” (EZEODILI, 2014). No entanto, a autora sublinha que, caso a língua tivesse só esse tipo de substantivos, a regra semântica daria conta da atribuição de gênero a esse grupo de substantivos, mas não é o caso: em francês, há palavras de gênero gramatical feminino que designam seres masculinos (como *une recrue*, conforme exemplo da autora – *um novato*, em tradução para o português).

Por outro lado, seguindo a **regra morfológica**, a derivação assume um papel importante: certos contextos são explicados por ela. Por exemplo, os substantivos compostos formados por um verbo e um outro elemento são sempre masculinos (ex. *un porte-monnaie; un soutien-gorge* (cf. EZEODILI, 2014, p. 84)), assim como os substantivos não compostos, mas derivados de verbo pela afixação de *-ation* (que corresponde ao sufixo *-ção* do português) são sempre femininos (ex. *inonder – l’inondation; généraliser – la généralisation; réaliser – la réalisation*). Essas terminações funcionam como *morfemas portemanteau*, que são morfemas que se caracterizam por representar mais de um morfema por apenas um segmento fonológico. Assim, sufixos franceses como *-ation* e *-ette*, ao mesmo tempo em que servem de sufixo derivacional configurando, respectivamente, substantivos derivados de verbos e diminutivo, também carregam em si a marca morfológica de gênero gramatical feminino.

Fechando as exemplificações sobre as regras de atribuição de gênero, que muito se assemelham ao que foi preconizado por Corbett (1991), pelo fato de o francês não dar conta de classificar em gêneros os seus substantivos só com uma tipologia de gênero pelos traços semânticos, havendo a necessidade de se analisar aspectos formais das palavras, a autora

baseia-se nos dados quantitativos de Corbett (1991) sobre as **regras fonológicas** de atribuição de gênero (que se interdependem), como se pode verificar na Figura 9.

Figura 9 – Contextos fonológicos de final de palavra

Phonological assignment (sample)

1. Nouns ending in /ɔ̃/ are masculine, unless /ɔ̃/ is preceded by /z/ or /j/ (rule covers 97.1 per cent of the 629 cases).
- 2a. Nouns in /ɛzɔ̃/ are feminine (98.5 per cent of 65);
- b. other nouns in /zɔ̃/ are masculine (66.7 per cent of 24).
- 3a. Nouns in /sjɔ̃/ are feminine (99.8 per cent of 1,693);
- b. nouns in /zjɔ̃/ are feminine (98.4 per cent of 63);
- c. nouns in /ɟjɔ̃/ are feminine (100 per cent of 5);
- d. nouns in /tjɔ̃/ are feminine (76.5 per cent of 17);
- e. other nouns in /jɔ̃/ are masculine (92.3 per cent of 169).

Fonte: (CORBETT, 1991, p. 60)

Vê-se, então, no item 1 da Figura 9, que substantivos franceses terminados em /ɔ̃/, tais como *ballon*, são masculinos, com exceção dos que possuem, na mesma sílaba final e precedendo o /ɔ̃/, o fonema /z/ ou /j/, como acontece com palavras femininas como *maison* e *raison*. Essa exceção, embora produtiva, não é categórica, já que há palavras masculinas cujo segmento terminal /ɔ̃/ é precedido de /j/, como em *brouillon* /brujɔ̃/. A regra postulada cobriu 97% dos 629 dados disponíveis. Por outro lado, no item 2 da figura, tem-se que a grande maioria dos nomes terminados em /ɛzɔ̃/ (ex. *la raison*) são femininos, enquanto nomes terminados apenas por /zɔ̃/ têm certa predominância de emprego de masculino.

Diferentemente dos itens anteriores, em 3 (conforme a figura) vemos que com os segmentos terminais /sjɔ̃/, /zjɔ̃/ e /tjɔ̃/ (ex. *pension*, *vision*, *question*) há predomínio do feminino, enquanto a maioria dos nomes em /jɔ̃/, apenas, são masculinos (ex. *brouillon*, *papillon*). Além disso, esse item realiza um cruzamento com a regra morfológica: geralmente os nomes terminados em /sjɔ̃/ pertencem àquela classe de substantivos derivados de verbos, adquirindo o sufixo *-ation*.

Ainda, se podem citar alguns outros morfemas derivacionais que realizam a oposição masculino-feminino: *-er/-ère* (ex. *berger/bergère*); *-eur/-euse* (ex. *serveur/serveuse*); *-teur/-trice* (ex. *révélateur/révélatrice*). Acrescenta-se a essas a terminação *-at* (ex. *laureat, consulat*) que aparece majoritariamente em substantivos masculinos (cf. ANDRIAMAMONJY. 2000). As demais terminações, tais como *-er* e *-eur* (*boulangier, serveur*) aceitam a concordância de gênero, marcando o feminino com um *-e* final, alterando a fonética do sufixo como um todo (*-ère* e *-euse*, como em *boulangère* e *serveuse*).

No que concerne a segmentos terminais consonantais, EZEODILI (2014) atenta às terminações /ʒ/ e /z/. Esta, formando substantivos como *église* ([e'gliz]), é presente predominantemente em palavras femininas; aquela, predominantemente formadora de substantivos masculinos, tais como *ménage* ([me'naʒ]) e *embouteillage* ([ãbute'jaʒ]).¹⁷

Dadas as principais generalizações a respeito dos segmentos terminais que atribuem gênero em francês, pode-se ver uma relação de gênero também com a tipologia da forma da palavra. Sabe-se, a respeito disso, que os substantivos em francês são classificados de acordo com a seguinte **tipologia de gênero** (cf. EZEODILI, 2014, p.86-87):

(i) *Noms à double genre* (substantivos de gênero duplo/de dois gêneros).

Esse tipo de substantivo possui a mesma forma de palavra para o masculino e para o feminino. Entretanto, a mudança de gênero acarreta mudança de sentido, conforme é mostrado no quadro da Figura 10.

Figura 10 – Substantivos de Dois Gêneros

Nom d'action	nom d'agent
Une aide	un aide
Une garde	un garde
Une manœuvre	un manœuvre

Fonte: Ezeodili (2014)

Do lado esquerdo da tabela, os substantivos são femininos e denotam nomes de ações; já no lado direito, os substantivos são masculinos porque denotam o nome do agente que realiza a ação. Vemos então que os exemplos podem ser explicados do seguinte modo, em português (traduções aproximadas):

- a) *Une aide* (feminino): “uma ajuda”; *un aide* (masculino): “um assistente”;
- b) *une garde* (feminino): “uma vigilância”; *un garde* (masculino): um guarda;
- c) *une manoeuvre* (feminino): “uma manobra, uma operação”; *un manoeuvre* (masculino): “um operacional”.

¹⁷ Não há consenso sobre a separação silábica de *embouteillage*, visto que a semivogal pode estar presente em quaisquer das duas sílabas finais.

Segundo Ezeodili (2014), os substantivos pertencentes a essa tipologia de gênero são os que mais confundem os aprendizes de FLE (francês como língua estrangeira). Isso porque, além de os aprendizes não poderem simplesmente memorizar o gênero inerente de cada um desses nomes, há também a necessidade de reconhecer a mudança de sentido que ocorre dependendo do gênero empregado. Em português temos uma situação semelhante, envolvendo pares como *o caixa/a caixa* e *o cabeça/a cabeça*, em que a criação de um segundo gênero – masculino – a palavras femininas confere-lhes um outro significado, que está atrelado, porém, ao sentido da palavra com seu gênero gramatical original.

(ii) *Noms naturels à un seul genre* (substantivos naturais de gênero único, isto é, uniformes).

Esta é a categoria em que se enquadram os substantivos que, em português, chamamos de *epícenos*: aqueles de gênero gramatical único, embora denotem seres cujos traços de animacidade e correspondência com sexo são [+animado] e [+sexuado] (como, em português, os exemplos anteriormente citados *a cobra*, *a testemunha*, etc.). Os exemplos em língua francesa veiculados pela autora são *un pardal*, *um monge*, *un laideron* (um feioso), que só aceitam a forma masculina, e *une mésange* (um tipo de ave), *une sentinelle* (um sentinela), *une recrue* (um novato), que só aceitam a forma feminina.

(iii) *Les homophones* (os homófonos).

Esta categoria compreende os substantivos grafados diferentemente, mas com pronúncia idêntica. No caso dos nomes pertencentes a essa tipologia, o conhecimento do gênero inerente à palavra que se pretende dizer é fundamental, como ocorre, por exemplo, com os substantivos *foie* ([fwa], masculino, significando "fígado") e *fois* ([fwa], feminino, significando "vez"). Além disso, Ezeodili (2014) cita alguns substantivos que, no singular, são masculinos e que, no plural, tornam-se femininos. São eles *amour*, *délice*, *orgue* e *oeuvre*.

Não foram citados pela autora os casos mais simples de associação palavra-gênero correspondente, pelo fato de não representarem maiores problemas a aprendizes de FLE. No entanto, são eles:

- os nomes biformes, que com a mesma forma da base realizam oposição privativa (*avocat/avocate* ; *chien/chienne*), a depender do segmento terminal da palavra. Nesse caso,

como se vê na próxima seção, há discordância entre os autores a respeito da legitimidade em considerá-los biformes, já que muitos autores reivindicam a ideia de que há dois lexemas envolvidos, e não apenas um acrescido ou não da marcação de gênero;

- os nomes uniformes sexuados (consequentemente, nesse caso, de gênero único) que não fazem homonímia ou homofonia, como é o caso de *fille* (filha ou menina), *fil*s (filho), *homme* (homem), *femme* (mulher), *garçon* (menino), etc. Estes estão incluídos entre os que Ezeodili (2014) classifica como os substantivos cuja atribuição de gênero se dá no nível semântico;

- os nomes uniformes não sexuados que não realizam homonímia ou homofonia com outros, como, por exemplo, em *ordinateur* (computador, masculino), *lune* (lua, feminino), *lit* (cama, masculino), *maison* (casa, feminino), etc.

Vimos que os contextos de gênero marcado (feminino) e não marcado (masculino) em francês são variados. Além de ser imprescindível, em um estudo de marcação de gênero no sistema do francês, a observação de regras semânticas, morfológicas e fonológicas, que nos indicam mais especificamente qual contexto precisamos analisar, é no critério morfológico e fonológico que encontramos a maioria das pistas de reconhecimento do gênero de um substantivo. Logo, o segmento terminal, seja um marcador morfológico indicador de derivação de outras classes gramaticais aglutinado a um marcador de gênero, seja um segmento fonológico, é o principal indício na atribuição de gênero em língua francesa.

4.1.2 CLASSE TEMÁTICA EM FRANCÊS

Conforme descrição anterior do gênero em português, a classe temática é a tipologia de um substantivo possuidor de um **tema**, ou seja, de uma base (radical primário e vogal temática) consoante sua respectiva vogal final (notadamente *-a*, *-o* ou *-e*). Logo, o conceito requer a existência de um tema em uma das vogais temáticas. Embora o tema seja algo relativamente fácil de reconhecer no português a partir da própria identificação de tipologia de gênero, correspondência com sexo e animacidade de cada palavra (categorias que dão os indícios para sabermos quando se trata de sufixo de gênero e quando se trata de vogal temática), em francês o tema é mais difícil de reconhecer, sendo mais evidente a ocorrência de raízes atemáticas.

Como vimos em seções anteriores, o tema é geralmente a base para a afixação flexional e derivacional dos substantivos. Por exemplo, em português a raiz FLOR não está pronta para a afixação, dada a impossibilidade, por exemplo, de fazer seu plural como **flors*.

A necessidade de haver uma vogal temática faz-se obrigatória, conforme o plural *flores* (vogal temática *-e*). Em francês, no entanto, a base pode prescindir de uma vogal final, não havendo sua necessidade para afixação. Formas como *coeur/coeurs*, *chien/chiens* denotam tal fato, ao aceitarem uma base terminada em consoante.

Logo, o que poderia diferenciar, em francês, o emprego de um substantivo afixado com um sufixo de gênero ou o emprego de um substantivo uniforme, sem uma marca clara de gênero, é a terminação da forma marcada (feminina). Nesse sentido, as formas que poderíamos considerar biformes adquirem maior peso nesta análise. Tomemos, então, por exemplo, o par *chat/chatte* (gato/gata). Pode-se, em um exercício de análise, escandi-las de maneira semelhante ao que foi preconizado para o português por Câmara Jr. (1970/2009):

(i) chat (raiz) + \emptyset (sufixo flexional de gênero masculino) → chat

(ii) chat (raiz) + *-e* (sufixo flexional de gênero feminino) → chatte

No caso das formas acima, ambas seriam atemáticas. O que as diferenciaria seria o sufixo de gênero – zero para o masculino (o que corroboraria a hipótese de ser este o gênero não marcado também na língua francesa) e sufixo de gênero *-e* para o feminino.

Para as demais tipologias de gênero, a tendência seria a de classificá-las como categorias formais de nomes cuja forma seria atemática. Nisso, se percebe ainda mais claramente a relação formal entre gênero marcado e não marcado, visto que a oposição se dá não só por ausência de marca de gênero na superfície vs. presença de marca de gênero na superfície, mas por ausência total (i.e., tanto de vogal temática quanto de sufixo de gênero), para o masculino vs. presença de marca morfológica de gênero para o feminino.

4.2 GÊNERO EM FRANCÊS COMO CATEGORIA FLEXIONAL E/OU DERIVACIONAL

De acordo com a análise no âmbito semântico de Mel'Čuk (2000), que defende o caráter derivacional do gênero em francês – em detrimento da ideia de o gênero comportar caráter flexional –, em uma primeira hipótese, que o autor chama de *ponto de vista I* (*point de vue I*), é desenvolvida a ideia de gênero como categoria flexional: conforme o autor, ao considerá-lo como uma categoria que se apresenta, nos nomes, em forma de sufixo flexional, cria-se a necessidade de tratá-lo não somente como uma categoria sintática, mas também semântica: tal postulação (a de flexão) só seria possível em se tratando de formas que se

opõem (ou seja, nomes sexuados biformes, que se opõem quanto ao gênero apenas pelo segmento terminal da palavra, em outras palavras, pela presença de um sufixo flexional). Desse modo, haveria a necessidade de criação de uma categoria além do gênero tal como se apresenta, como, por exemplo, o **gênero natural**, que seria uma especificação do gênero comportando a união do traço de animacidade e de gênero gramatical (no caso, o gênero natural de uma palavra faria referência ou a “ser do sexo feminino” ou a “ser do sexo masculino”, tal como ocorre nos sistemas de atribuição de gênero estritamente ou parcialmente semânticos, conforme análise de Corbett (1991)) uma vez que, ao considerarmos o comportamento sintático referente a palavras biformes ou comuns-de-dois gêneros, insurge a questão da concordância: ela seria obrigatória, pois o falante, ao enunciar um substantivo sexuado, certamente não tem dúvida quanto ao seu gênero gramatical. Tal afirmação abre espaço, segundo o autor, para a dúvida, pois essa falta de regularidade na atribuição de gênero aos substantivos não caracteriza um processo flexional, uma vez que o gênero, bem como o segmento terminal que o designa, em substantivos, depende de uma intenção do falante, que ou designa um ser masculino ou feminino, não dependendo, assim, de concordância na escolha do substantivo. Isso ocorre porque, por exemplo, ao enunciar uma frase como *mon amie est venue* (minha amiga veio), a escolha do substantivo não se dá por uma necessidade de concordância, e sim por uma necessidade contextual: a pessoa quer referir-se a uma amiga, e não a um amigo. A concordância em gênero dos adjetivos, no entanto, figura um processo flexional por excelência, uma vez que ocorre por regra sintática para não serem geradas sentenças agramaticais como, por exemplo, **Mon amie est venu* (*Meu amiga veio).¹⁸

Ainda nesta análise, o autor atenta ao fato de que essa categoria hipotética que justificaria a flexão de gênero – o gênero natural – é fraca, dada a sua falta de abrangência para todos os nomes sexuados: no caso de substantivos que designam tanto seres de sexo masculino quanto seres de sexo feminino, mas que admitem apenas a forma masculina, como o caso de *écrivain* (escritor/escritora) e de *professeur* (professor/professora). Além disso, mesmo para os nomes sexuados que encontram oposição marcada de gênero, isto é, que variam o seu segmento terminal ou parte de seu radical conforme pertença a um ou outro gênero natural (ex. *chat/chatte* (gato/gata), *fou/folle* (louco/louca)), quando empregados no

¹⁸ Neste caso, a concordância, em francês, dá-se pelo particípio passado enquanto, no português, ela ocorre pela concordância do pronome possessivo. Em francês, isso também ocorre, mas, por uma adaptação fonética, o pronome *mon*, no sintagma [*mon amie*] é utilizado em detrimento de *ma* para que não ocorra hiato (**ma amie*).

plural e, conseqüentemente, na forma masculina, acabam por anular o traço de gênero natural, o que impossibilitaria uma hipótese de flexão baseada nessa categoria semântica.

Já no ponto de vista 2 (*point de vue 2*), o autor traz à tona o fato de que, se considerarmos a forma masculina e feminina de um substantivo como dois lexemas distintos, não teremos complicações na análise, já que se trataria, nesse caso, de uma relação derivacional com todas as características de uma relação derivacional, quais sejam: (i) a possibilidade de substituição de uma forma derivada. Por exemplo, no lugar de *une femme anglaise* (uma mulher inglesa), poderia se dizer *une femme qui vient de l'Angleterre* (uma mulher que vem da Inglaterra) sem prejuízo ao sentido da frase. Tal substituição é impossível em casos de flexão, como, por exemplo, ocorre com a flexão modo-temporal, argumento que é defendido também por Katamba (1993), ao afirmar que “Morfologia flexional lida com processos de afixação determinados sintaticamente, enquanto a morfologia derivacional é usada para criar novos itens lexicais.”¹⁹ (KATAMBA, 1993, tradução minha). Assim, tem-se a derivação como um processo não categórico na sintaxe, ao passo que a flexão é demandada sintaticamente. Assim posto, põe-se em xeque o argumento de que o substantivo não flexiona em gênero, embora os seus adjuntos devam, sim, passar pelo processo, o que é reconhecido por ambos os autores, já que atendem aos critérios de: (i) obrigatoriedade, que se impõe na sintaxe como visto anteriormente, e de (ii) de produtividade, segundo o qual os processos derivacionais tendem a ser mais esporádicos, enquanto a flexão tende a ser automática (KATAMBA, 1993), respeitando a formação de sintagmas em que o núcleo e seus adjuntos pertençam a categorias flexionais iguais (ex. em “as meninas bonitas”, o núcleo “meninas” determina que os adjuntos precisam corresponder paradigmaticamente aos seus sufixos; no caso, os de gênero e de número).

Apesar de as análises dos autores referidos irem ao encontro uma da outra a respeito da legitimidade em chamar de *flexão* o processo pelo qual palavras de certas classes gramaticais, tais como adjetivos e artigos, passam, Katamba (1993) cita também as *propriedades inerentes* da flexão. Conforme o autor, ao determinar as modificações pelas quais passarão os adjetivos, por exemplo, o substantivo é considerado também uma classe que **flexiona** em gênero, uma vez que é ele quem determina a ocorrência do processo nos seus adjuntos. Relembrando que a relevância de se determinar o gênero como categoria flexional ou derivacional implica o reconhecimento de substantivos bifformes no francês, tais como os

¹⁹ “Inflectional morphology deals with syntactically determined affixation processes while derivational morphology is used to create new lexical items.” (KATAMBA, 1993, p. 205)

pares *fou/folle* ('louco/louca') ou como sendo a mesma entrada lexical com afixação de gênero distinta, se considerássemos o gênero gramatical uma categoria flexional, ou como sendo duas entradas lexicais, como seria se o tomássemos por categoria derivacional. A questão mostra-se semelhante no português: pares como *menino/menina*, *gato/gata*, etc. são considerados, por muitos autores, como lexemas distintos, cada qual com seu gênero inerente, em um raciocínio análogo com o que se postula acerca do gênero inerente dos substantivos uniformes. Por outro lado, alguns autores consideram que, diferentemente dos substantivos uniformes, os nomes biformes do português não têm gênero inerente e, conseqüentemente, flexionariam em gênero.

Ainda quanto ao critério de produtividade, característico de processos flexionais, podemos observar que a análise de Mel'čuk (2000) dá relevo à questão de um modo diverso: conforme seu segundo ponto de vista acerca do assunto, o gênero é uma categoria derivacional muito produtiva, de modo que se torna possível, inclusive, colocar apenas uma entrada no dicionário para substantivos biformes. Além disso, assim como ocorre com a flexão por excelência, como em afixação modo-temporal e de pessoa em verbos quando há formação de neologismos (tanto por derivação de itens já existentes na língua, que possuíam apenas a forma masculina, quanto por afixação de empréstimos), a afixação de sufixo de gênero em novas palavras mostra-se um processo extremamente produtivo e, de certa forma, automático. É essa a exceção trazida pelo autor em relação às características derivacionais do gênero. No Quadro 1, vemos essa relação mais claramente. Como é acrescentada a terminação *-e* à maioria dos substantivos biformes para formar o feminino, percebemos que esse acréscimo de uma vogal no fim da palavra envolve diferença fonética entre o masculino e o feminino, pois a vogal *-e* final não é pronunciada: o que ganha realização fônica é a consoante que precede essa vogal (que, na sua forma masculina, não era pronunciada).²⁰ Além disso, há sufixos, como o *-eur* que adquirem a forma feminina *-euse*, tal como ocorre no par *coiffeur-coiffeuse* (cabeleireiro-cabeleireira).

²⁰ Apesar de poderem ser aceitas as formas fonéticas que substanciam o *-e* final como um schwa, ex. [a.vo.'ka.tə].

Quadro 1 – Formação de substantivos biformes em Francês

Sufixo formador de feminino	Substantivo primitivo masculino	Substantivo feminino
-e	auteur [o'tœʁ] chien [ʃjɛ̃] berger [bɛʁ'ʒe] bavard [ba'vard] veuf ['vœf]	auteure [o'tœʁ] chienne [ʃjɛn] bergère [bɛʁ'ʒɛʁ] bavarde [ba'vard] veuve ['vœv]
-euse	coiffeur [kwa'fœʁ] serveur [sɛʁ'vœʁ]	coiffeuse [kwa'føʁz] serveuse [sɛʁ'vøʁz]
-trice	acteur [ak.'tœʁ]	actrice [ak.'tris]

21

Ainda a respeito da discussão acerca do caráter flexional ou derivacional do gênero em Francês (podendo estender a discussão para o Português), Riegel et al (2014) afirma que a categoria é derivacional:

se considerarmos que uma palavra é a associação estável entre uma forma e um conteúdo lexical convencional, um mesmo nome, enquanto categoria particular de palavra, não poderia possuir dois gêneros, visto que à variação em gênero é sempre associada uma diferença semântica. (RIEGEL, 2014, p. 330, tradução minha)²²

Dada essa contextualização teórica, os autores lançam a hipótese de que essa variação poderia dar-se pela afixação de uma base comum, mas para formar dois lexemas diferentes, o que corrobora a hipótese de Mel'Čuk (2000), que abrange qualquer lexema dotado de gênero gramatical – até mesmo os nomes epicenos, isto é, que representam, em uma única forma, seres animados de gênero feminino e masculino. O autor ainda alega que para todos os casos (substantivos biformes e epicenos) há duas entradas lexicais, que justificam a necessidade de especificação do termo (ex. *enfant de sexe féminin/ criança de sexo feminino*, exemplo que se assemelha a dizer, em português, *a criança de sexo feminino*, ou *a cobra macho*, *o peixe fêmea*, etc.).

²¹ Na maioria dos casos, o sufixo *-e* será a forma marcada. Contudo, o sufixo *-eur*, formador de substantivos a partir de verbos (*-dor* em português) toma sua forma feminina pelo sufixo *-euse*.

²² Trecho original : « Si l'on considère qu'un mot est l'association stable d'une forme et d'un contenu lexical conventionnel, un même nom en tant que catégorie particulière de mot ne saurait avoir deux genres, puisqu'à la variation en genre est toujours associée une différence sémantique. »

5 COMPARAÇÃO ENTRE O SISTEMA DO PORTUGUÊS E DO FRANCÊS

O estudo de gênero gramatical e de classe temática ainda é um campo com inúmeras lacunas a serem preenchidas. O exercício comparativo entre línguas é algo que dá suporte à análise acerca do funcionamento dessa categoria na nossa língua materna. Por serem línguas originadas de um mesmo sistema, a comparação entre a marcação de gênero e classe temática entre o português e o francês faz-se pertinente, trazendo outros elementos que reforçam ou, ao contrário, enfraquecem hipóteses já formuladas a partir da observação de somente uma das línguas.

5.1 QUANTO ÀS REGRAS DE ATRIBUIÇÃO DE GÊNERO

Voltando aos conceitos de *sistemas estritamente semânticos, parcialmente semânticos e formais* de Corbett (1991), deparamo-nos com o que poderia ser a mais importante generalização correspondente a uma comparação entre os sistemas do português e do francês: ambas são línguas cuja atribuição de gênero ocorre predominantemente no nível formal, ou seja, na instância morfológica e na fonológica, ora separadas, ora em intrínseca interação. Além disso, em ambas as línguas, com destaque para o francês, o atributo semântico de operações formais é também imprescindível. Assim, ao saber de antemão o significado do substantivo que enuncia, em sua forma feminina ou masculina, em francês, o falante está procedendo com uma regra de cunho semântico para atribuir-lhe gênero gramatical. Não obstante, o restante das operações faz-se em nível formal: pela concordância e pela oposição privativa.

5.2 QUANTO À MARCAÇÃO DE GÊNERO

Pôde-se observar que tanto em português quanto em francês o gênero gramatical marcado é o feminino, por ser este o gênero que requer, em ambas as línguas, o acréscimo de uma marca morfológica específica de gênero. No português, o feminino é substanciado pela

vogal *-a* e o masculino é substanciado pelo morfema zero de gênero (cf. CÂMARA JR., 1970/2009), embora este último seja questionado devido à forte correspondência entre vogal *-a* para o feminino e vogal *-o* para o masculino (cf. ALCÂNTARA, 2010; SCHWINDT, 2011 e ARMELIN, 2014).

Em francês, uma oposição privativa é mais evidente do que em português: em nomes biformes, é justamente a ausência versus a presença de marca de gênero que realiza a oposição, respectivamente, de masculino e de feminino. Já no português, a forte correspondência entre a vogal *-o* e o gênero masculino, como visto anteriormente em Schwindt (2011), pode abrir portas a uma interpretação desse segmento terminal como vogal temática, mas também como sufixo de gênero, o que não ocorre em francês, conforme exemplificação retomada abaixo:

(i) Português:

Conforme Câmara Jr. (1970/2009), em sua análise estruturalista:

O sufixo de gênero masculino é \emptyset ; o sufixo de gênero feminino é *-a*, admitindo os alomorfes [*-a*] e [\emptyset].

a) Substantivos biformes (consequentemente, sexuados):

menino = *menin-* (raiz) + *-o* (VT) + \emptyset (sufixo de gênero masculino).

menina = *menin-* (mesma raiz de menino) + \emptyset (VT) + *-a* (sufixo de gênero feminino).

b) Substantivos uniformes:

copo = *cop-* (raiz) + *-o* (VT) + \emptyset (sufixo de gênero masculino).

casa = *cas-* (raiz) + *-a* (VT) + *-a* (sufixo de gênero que se substanciou pelo alomorfe \emptyset).

Conforme Schwindt (2011):

O sufixo de gênero masculino é *-o*, mas a VT *-o* tem prioridade no ranking sobre o sufixo de gênero masculino.²³ Sendo o hiato *meninoo* impossível, violando a máxima “hiatos são proibidos” (em uma análise de cunho gerativista, tomando a Teoria da Otimidade como instrumento de análise), a vogal que tem prioridade no ranking é a que se realiza. No caso, a vogal temática. Diferentemente, o feminino garante a prioridade do sufixo de gênero *-a* sobre

²³ Conforme Schwindt (2011), o segmento *-o* é considerado marca de gênero porque há alguma produtividade em seu uso, deflagrada na aquisição da linguagem, em formas como “formigo” ou “crianço”.

a classe temática, o que resulta na realização de sufixo de gênero feminino e na não realização de vogal temática.

(ii) Francês:

Conforme Mel'Čuk (2000) e Riegel (2014):

Os sufixos de gênero são derivacionais. Diferentemente da análise de Câmara Jr. (op cit.) para o português, os estudos analíticos realizados em relação ao francês convergem para a noção de que, em substantivos que em português chamamos de biformes, há, na realidade, duas entradas lexicais distintas envolvidas, embora possuam forma fonológica idêntica. Os autores não falam em classe temática. No entanto, há certas palavras no francês cujo segmento terminal poderia ser considerado, hipoteticamente, como vogal temática. Logo, poderíamos ter as seguintes exemplificações escandidas, em um exercício analítico que realizei a partir de uma hipótese minha, tendo em vista as regras semânticas, morfológicas e fonológicas de Corbett (1991, apud EZEODILI, 2014):

Substantivos biformes:

avocat = avocat-' (raiz) + \emptyset (sufixo de gênero masculino).

avocate = avocat-" (raiz) + -e (sufixo de gênero feminino).

Substantivos uniformes com vogal temática (hipótese esboçada):

lune = lun- (raiz) + -e (VT) + gênero inerente atribuído pela concordância.

chambre = chambr- (raiz) + -e (VT) + gênero inerente atribuído pela concordância.

père = pèr- (raiz) + -e (VT) + gênero inerente reconhecido por regra semântica.

fille - fill- (raiz) + -e (VT) + gênero inerente reconhecido por regra semântica.

A respeito da vogal terminal -e em francês, segundo Andriamamonjy (2000), estudos quantitativos revelam que há equilíbrio entre a disponibilidade de substantivos masculinos e femininos com essa terminação. No entanto, em nomes com a marca -ée, este -e final configura quase sempre um substantivo feminino (ex. *poupée*, que significa 'boneca'), apesar de existirem alguns substantivos masculinos com essa terminação.

Além desses exemplos, poderíamos citar também os nomes de gênero duplo abordados por Ezeodili (2014), conforme Figura 10, da seção 4.1.1, que também configurariam como dois lexemas distintos. Ainda, há que se mencionar os *morfemas portemanteau* presentes tanto no português quanto no francês, acumulando, em um mesmo morfema, a noção de dois.

Em português temos, entre outros, o morfema cumulativo feminino *-ção*, presente em deverbais (*importação, manutenção*) e o morfema cumulativo feminino *-ência/-ância* (*sofrência, abundância*); temos, exclusivamente para o masculino, o sufixo *-mento*, também presente em deverbais (*rolamento, cumprimento*).

Em francês, esses sufixos são muito semelhantes aos do português. Temos, para o feminino, os sufixos *-ation* (*inondation, alimentation*), *-ade, -ude* (*dérobade, solitude*) e, para o masculino, os sufixos *-ment* (*investissement, harcèlement*), *-isme, -asme* (*socialisme, enthousiasme*), cf. Andriamamonjy (2000)).

Vimos que a marcação de gênero ocorre de forma semelhante em português e em francês. As duas línguas apresentam o gênero feminino como marcado, em oposição a uma possível não marcação de gênero que configuraria o masculino. Diferentes perspectivas teóricas explicam essa não marcação ora como uma ausência significativa de marca de gênero, ora como ausência de sua realização. Além disso, enquanto, em português, geralmente uma vogal (seja marca de gênero ou vogal temática) indica o gênero da palavra; em francês, o que indica a oposição masculino/feminino é a ausência de marca de gênero e presença (realização) de marca de gênero, respectivamente.

5.3 QUANTO À TIPOLOGIA DE GÊNERO

Quando se trata de uma comparação entre o sistema do português e o do francês em relação à tipologia de gênero, encontram-se muitas diferenças e algumas semelhanças. Em português, as tipologias são uniforme, biforme e comum-de-dois. Nesta última categoria, estão incluídos nomes que aceitam flexão dos adjuntos nos dois gêneros: por exemplo, podemos dizer tanto *a gerente* quanto *o gerente*. Já nos uniformes, temos tanto substantivos não sexuais quanto sexuais. Em francês, as principais categorias de gênero são, conforme pesquisa bibliográfica realizada, os substantivos de gênero duplo (aqueles que mudam de significado conforme mudança de gênero sem, no entanto, alterar sua forma ou a forma do seu segmento terminal, tais como *aide* e *garde*, presentes na Figura 10), os uniformes, que funcionam de maneira semelhante aos substantivos uniformes portugueses (ex. *la voiture*, o carro, *le portrait*, o retrato), os biformes, que estruturalmente se distinguem dos biformes do português por poderem adquirir, na oposição masculino/feminino, um segmento maior que

uma vogal apenas (ex. em português, temos pares como menino/menina; já em francês, os pares podem ser tanto *avocat/avocate* quanto *serveur/serveuse*), e os homófonos (ex. *la fois/le foie*).

Embora diferentes sob alguns aspectos, o português e o francês também se assemelham quanto à tipologia de gênero no que diz respeito à identificação do gênero de palavras sem antecedente: Segundo Andriamamonjy (2000), em relato de um experimento psicolinguístico realizado por Desrochers, Paivio (1989, 1990) e por Brabant (1995). Em tais pesquisas, as pessoas deviam rapidamente identificar o gênero das palavras. O número de erros em relação a substantivos não sexuados foi muito maior que o de palavras sexuadas, corroborando a tese de que há uma primeira regra, a regra semântica, que atua nesse âmbito, e que está mais generalizada pelo senso-comum, embora abarque a minoria dos substantivos tanto do francês quanto do português.

Ambas as línguas dispõem de substantivos sexuados e não sexuados distribuídos em tipologias de gênero. Embora haja uma tendência de pesquisar a atribuição de gênero pelo viés da memorização, isto é, do armazenamento mental de lexemas e seus respectivos gêneros, é inegável o fato de haver regularidades formais que servem de indício à identificação de gênero gramatical tanto no português quanto no francês.

No Quadro 2, esquematizamos as semelhanças e diferenças entre a tipologia de gênero do português e do francês.

Quadro 2 – Tipologia de gênero em português e em francês

Tipologia	Português	Francês
uniforme	<i>mesa, bolo, enchente</i>	<i>chaise, maison, livre</i>
biforme	<i>menino/menina, gato/gata</i>	<i>avocat/avocate, serveur/serveuse</i>
comum de dois	<i>colega, cônjuge, gerente</i>	<i>enfant, élève, athlète</i>
gênero duplo	<i>o caixa/a caixa; o cabeça/a cabeça</i>	<i>aide</i> (ação: feminino; agente: masculino), <i>garde</i> (ação: feminino; agente: masculino)
homófonos	não se encontraram registros com base nos autores consultados	<i>foie/ fois/ foi</i> (todos pronunciados como [ˈfwa])

Assim, vemos que as semelhanças de tipologia de gênero em português e em francês dizem respeito à presença de substantivos uniformes e bifformes, bem como à discussão teórica semelhante a respeito da natureza flexional e/ou derivacional do gênero gramatical tomando por base essas duas tipologias em ambas as línguas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero é uma categoria gramatical instigante. Ao mesmo tempo em que todos os falantes nativos de determinada língua reconhecem o gênero das palavras com bastante facilidade, ele é notadamente a categoria gramatical de mais difícil apreensão por parte de aprendizes de língua adicional, mesmo que a língua de origem também comporte gênero. O estudo de gênero associado a classe temática permite desvendar aos poucos a complexidade envolvida na questão.

As questões iniciais foram desenvolvidas em partes:

(i) *como se exponenciam gênero e classe temática em ambas as línguas.*

Em português, pelo reconhecimento dos contextos que adquirem sufixo de gênero e os que compreendem vogal temática, pertencendo a uma determinada classe temática; em francês, através principalmente da semântica de nomes sexuais e de sufixos derivacionais cumulativos;

(ii) *quais são os contextos (segmentos terminais) que servem de indício ao falante sobre a marcação de gênero.*

Em português, os contextos principais são encontrados em substantivos temáticos, ao passo que, em francês, isso se dá mais pela concordância, sendo mais fácil para os falantes identificar o gênero gramatical das palavras sexuais;

(iii) *como a marcação de gênero e as classes temáticas (nominais), bem como a tentativa de remodelá-las, interfere no sistema da língua.*

Essa questão refere-se em particular ao português. A tentativa de remodelar classes temáticas interfere em um possível equilíbrio do sistema, corroborado por dados quantitativos. Além disso, a associação da vogal temática *-e* com o masculino ainda pode ser discutida, já que a maioria dos nomes com esse segmento terminal é comum de dois gêneros. No entanto, sua aplicabilidade é equilibrada entre masculino e feminino.

O “enigma” da marcação de gênero em português e em francês permanece a despeito das análises realizadas até o momento. É necessária ainda muita pesquisa a fim de se alcançar

uma descrição que una o que de fato está disponível no sistema com a real percepção dos falantes. Embora haja uma correlação entre gênero gramatical e sexo quando atentamos aos nomes sexuais, há evidências que apontam para uma possibilidade de que gênero gramatical e gênero social sejam sistemas distintos, como podemos vislumbrar ao analisarmos a marcação de gênero em português e em francês pelo fato de a correspondência com sexo estar restrita a poucos substantivos. Além disso, a interação entre marca de gênero e classe temática, bem como a aplicação equilibrada de gênero masculino e feminino na fala de grupos sociais distintos, nos possibilita pensar no gênero como uma categoria gramatical.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, C. *As classes formais do português brasileiro*. Letras de Hoje. v. 45, n.1. p. 5- 15. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- ALVES, Michele Calil dos Santos. *Processamento do traço de gênero na correferência pronominal com antecedentes sobrecomuns e comuns de dois gêneros no português do Brasil*. Dissertação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- ANDRIAMAMONJY, Pascale. *Le rôle du genre gramatical au cours de la reconnaissance de noms*. In : L'année psychologique, v. 100, n. 3. P. 419-442, 2000.
- ARMELIN, P. *Classifying Nominals in Brazilian Portuguese: a Unified Account for Gender and Inflectional Class*. In: Ludmila Veselovská; Markéta Janebová. (Org.). *Complex Visible Out There: Language Use and Linguistic Structure*. 1ed. Olomouc: Palacký University, 2014, p. 67-82.
- AUGUSTO, Marina R. A.; CORRÊA, Letícia Sicuro. *Marcação de gênero, opcionalidade e genericidade: Processamento de concordância de gênero no DP aos dois anos de idade*. Linguística, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 207-234, dezembro de 2005.
- BAUER, Laurie. *The productivity of (non-)productive morphology*. Rivista di Linguistica, 15.1, 2003, p. 7-16.
- CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 42.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CORBETT, Greville G. *Gender*. Cambridge University Press, 1991.
- CORRÊA, Letícia Sicuro. *Uma hipótese para a identificação do gênero gramatical com particular referência para o português*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 289-295, setembro de 2001.

COUTURE, Guylaine. *Le rôle des marques d'accord orales dans la catégorisation grammaticale des noms en français*. Université du Québec à Montréal. Dissertação de Mestrado, 2012.

EZEODILI, Scholastica U. *L'enigme du genre gramatical français*. Journal of Modern European Languages and Literatures, v. 3, 2014.

HARRIS, J. W. *The exponence of gender in Spanish*. *Linguistic Inquiry*, v. 22, n. 1, 1991, p. 27-62.

KATAMBA, Francis. *Morphology*. Nova Iorque: St. Martin's Press, 1993.

KOLODNY, Rossana Saute. *Produtividade da marcação de gênero em nomes no português do sul do Brasil*. In: XIV Fórum FAPA, 2015, Porto Alegre. Caderno de Resumos XIV Fórum Fapa, 2015.

MEL'ČUK, Igor. *Un Fou/Une Folle : Un Lexème Ou Deux ?* In: Lexique, syntaxe et sémantique. Mélanges offertes à Gaston Gross à l'occasion de son soixantième anniversaire [BULAG, numéro hors série], 2000, 95-106.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. 4ªed. Campinas: Pontes, 2002.

MÜLLER, Natascha. *L'acquisition du genre et du nombre chez des enfants bilingues (français-allemand)*. Acquisition et interaction en langue étrangère, 1995.

RIEGEL, Martin ; PELLAT, Jean-Christophe ; RIOUL, René. *Grammaire méthodique du français*. 5^{ème} édition, Presses Universitaires de France : 2014.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. *O Gênero do substantivo em Português: por que Flexão e por que Morfologia?* In: O Gênero do Substantivo em Português: uma Categoria Morfo-sintática. Dissertação. UFMG, março de 1982.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SCHWINDT, Luiz Carlos. *Zeros na morfologia nominal portuguesa à luz da Optimal Interleaving Theory*. ReVEL, edição especial n. 5, 2011.

_____. *Morfologia*. In: SCHWINDT, L. C. (org). Manual de Linguística: Fonologia, Morfologia e Sintaxe. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

SILVA, Ana Paula Araujo. *Repensando as marcas de gênero no português*. In: VII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, 2003, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2003. v. 11. p. 159-168

VILLALVA, Alina. *Morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.